DEZEMBRO SANGRENTO
A Chacina da Lapa

REYNALDO LAFORGIA

Pontes

"(...) o tema de seu livro
pareceu-me rico de emoção
e realidade"

(Jorge Amado - 14/10/83)

"(...) você que esteve tão ligado aos
militantes do PC do B, nos dá um
relato honesto, sincero, de suas
próprias vacilações. (...) ele me
comoveu"

(Ênio Silveira - 22/03/85)

"Acho que é um relato bastante útil
para a reconstituição do período
de repressão, do movimento de
esquerda. Há muitas informações
inéditas. A narrativa transpira
sinceridade, emoção e verdade"

(Paulo Sérgio Pinheiro - 30/07/86)

DEZEMBRO SANGRENTO — A CHACINA DA LAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laforgia, Reynaldo.
L166d Dezembro sangrento : a chacina da Lapa / Reynaldo Laforgia. — Campinas, SP : Pontes, 1988.

ISBN 85-7113-014-0

1. Guerrilhas — Araguaia, Rio, Vale 2. Partido Comunista do Brasil — História I. Título. II. Título: A chacina da Lapa.

CDD-981.083
88-1915 -324.281

Índices para catálogo sistemático:

1. Araguaia : Guerrilha, 1972-1974 : Brasil : História 981.083
2. Guerrilha do Araguaia, 1972-1974 : Brasil : História 981.083
3. Partido Comunista do Brasil : História 324.281

Reynaldo Laforgia

DEZEMBRO SANGRENTO
A CHACINA DA LAPA

1988

Copyright © Reynaldo Laforgia

Capa: Guto

Coordenação Editorial: Ernesto Guimarães

Preparação e Edição de Texto: Ernesto Guimarães

Revisão: Adagoberto Ferreira Baptista
Vânia Aparecida da Silva

Fotos: cedidas pelos familiares de Pedro Pomar

PONTES EDITORES
R. Dr. Quirino, 1230
Telefone: (0192) 20943
13.015 - Campinas - SP

1988
Impresso no Brasil

NOTA DO EDITOR

Esta é a primeira vez que Reynaldo Laforgia assina um depoimento sobre o PC do B e seus militantes.

Durante anos, enquanto a Repressão se constituiu em sustentação do regime militar, ele se apresentou como ARNALDO MENDEZ, tendo, com este pseudônimo, colaborado na obra biográfica *Pedro Pomar* (Ed. Brasil Debates — 1980) organizada pelo filho de Pomar, Wladimir.

Posteriormente, já buscando orientação para o presente trabalho, correspondeu-se com Jorge Amado, Paulo Sergio Pinheiro, Ênio Silveira, Caio Graco Prado. Em sua obra *O Comunismo no Brasil — 1935/1945*, o americano John W. F. Dulles chegou a citar Mendez em sua bibliografia.

Norma de segurança, no dizer partidário. Desnecessário, hoje, o uso desse artifício, o autor apresenta a realidade dando a emoção maior, desfazendo-se, de preferência para sempre, de Arnaldo Mendez, criação da síndrome do medo, para, no livre exercício de sua cidadania, dar vida a este importante depoimento.

"O revolucionário é um homem perdido, que não pode ter
interesses próprios,
causa própria, sentimentos, hábitos,
pertences, nem mesmo um nome..."
Bakunin

"No momento em que o povo está passando
fome, tá brigando,
tá sendo oprimido, tá levando porrada,
ficar do lado dele é o mais importante."
Oscar Niemeyer

"Por mais dura e desagradável que ela seja, a Verdade é a coisa
mais importante e mais
bela da vida."
Pedro Pomar

AGRADECIMENTOS

À minha filha escolhida, Carla, que leu algumas páginas dos originais.

Aos netos e netas: Guy Eduardo, Paula Gabriela, Luana Morena e Nicolle, gestos de amor, auroras.

À Edna que divulgou o livro antes de ter nascido e que incentivou o seu futuro.

Ao Baixinho que conseguiu que tudo pudesse ser possível.

Aos revolucionários que lutaram e ainda lutam como Duarte, Siqueira, Orly, Matioli, Martinez, Naval e tantos outros.

Aos que tombaram na luta derramando o sangue generoso como Pomar e Lincoln Cordeiro. Oest que conheci de perto e outros combatentes que nunca serão esquecidos.

À minha mulher e meus filhos Paulo Eduardo, Artur e Denise. Muito obrigado.

APRESENTAÇÃO

Dezembro Sangrento ou Chacina da Lapa é um depoimento, um mosaico de recordações dos acontecimentos trágicos de uma época recente: a chacina de velhos revolucionários, os "desaparecidos", a Guerrilha do Araguaia.

Muito cedo ainda para saber o que realmente aconteceu; fatos continuam sem explicação. Aos sinais de mudança no horizonte serão certamente queimados e incinerados os arquivos que continham as operações que golpearam a vanguarda que ousou desafiar a ditadura durante os vinte anos. Uma batalha sangrenta aconteceu sem que a opinião pública soubesse; poucos sobraram para contar. Os fatos foram acobertados pela censura férrea, mas os que sofreram, os que perderam familiares e amigos, são o arquivo da história.

Dezembro Sangrento é a história vista por um simpatizante, não por um revolucionário. O amigo e aliado de uma organização é um ser que se autoflagela, uma criatura que tem medo, vacila, "não é carne, nem peixe", uma contradição que aumenta à medida que a consciência é maior. Para quem ficou de fora da organização, um drama: sente que não quer mais participar da sociedade que apodrece e não tem coragem para entrar na luta para mudá-la; fica para ele, então, pequenas tarefas, aparentemente insignificantes,

mas, como a graxa na roda da carroça da História, ajuda andar o movimento revolucionário.

Um depoimento sem heroísmo algum, ao contrário, sempre com o medo impedindo. Ainda não saímos da imensa mortalha que nos cobriu. Revolucionários ampliando, pela coragem, os espaços permitidos; a luta continuaria até chegarmos em nova manobra das classes dominantes: as eleições indiretas e o Colégio Eleitoral. Importante para as novas gerações, e esta foi uma das nossas motivações, é saber o que custou de sacrifícios dos que tombaram e foram torturados para que tudo o que assistimos hoje pudesse acontecer.

"O romance político é um tiro disparado durante um concerto" disse Sthendal, este livro quer ser o troar de canhão durante a sinfonia.

REYNALDO LAFORGIA

"Acenderam as luzes, cai a noite,
a vida substituiu-se"
Álvaro de Campos

Dia 15 de dezembro de 1976. Comecei a sentir premonições, augúrios, certas sensações que sempre antecedem algum perigo iminente.

No dia anterior, as pernas bambas, uma zonzeira permanente. Suava nas palmas das mãos e nas canelas. Os sinais já eram conhecidos. Como fazia sempre, fui dormir, esperei pelo desconhecido.

Pomar ficara de voltar na quarta-feira. Não era meu costume ir deitar cedo, sempre gostei de ser um boêmio caseiro. Jantei e fui dormir.

Não durmo mais que quatro horas. Acordei no meio da noite, o relógio de cabeceira marcava cinco e quinze da madrugada. Estava tenso, mesmo depois de ter dormido. Fui até o banheiro, o calor da noite sufocante, a cama parecia cheia de pulgas. Olhei no espelho; estava acabado nos meus 36 anos. Lembrei-me de Pomar na nossa última despedida: "Levanta os ombros! Estás arcado! Queria eu ter a tua idade! Parece que carregas o mundo às costas." Fiquei recordando seu vulto: caminhava ereto, passos firmes, apesar de ter passado da meia idade. O espelho mostrava a lividez da minha face, o cansaço, os cabelos brancos nas têmporas, uma velhice precoce. Molhei os pulsos, joguei água na nuca,

deixei escorrer o frio da água para me despertar. A minha indecisão em entrar para a vida revolucionária. Passaram-se quinze anos, um pouco mais, e eu "revolucionário de espírito", "vergonha de ser pobre, vergonha de ser rico". O conflito me desgastava. A decisão talvez me aliviasse. Não passava de "um capitalista com sentimento de culpa", assim Antonio chamava-me no passado; a falência fora uma libertação, agora não tinha mais desculpas, mesmo assim prorrogava sempre a decisão de cair na luta, estava preso em coisas pequenas, para mim, grandes: família e filhos.

"Os homens são como as estrelas, cada qual com sua grandeza" era Pomar outra vez, que dentro dos meus limites procurava ampliar a participação de simpatizante para aliado, mas eu não passava de "amigo de Pomar" sem ligações com o Partido.

O Partido sempre fora para mim uma coisa abstrata, mítica. Uma seita impenetrável para inseguros e vacilantes como eu; era para "gente grande": Bezerra, Apolônio, pessoas de quem ouvira falar ou lera; uma verdade quando se chegava perto dos revolucionários como José Duarte e Manoel Siqueira. Sentia-me um rodeado de heróis quando Pomar me contava que esteve seis horas com Chu En Lai, com Mao, Che Guevara, Fidel Castro e tantos outros líderes mundiais. Ficava extasiado quando ele contava sobre as figuras nacionais com as quais convivera: Monteiro Lobato, no enterro do qual discursara, Oswald de Andrade, Portinari, "Velho Graça" (como chamava Graciliano Ramos), Panceti, Jorge Amado, Di Cavalcanti. Estava ao lado do que havia de melhor em termos de cultura e arte. A minha fantasia trabalhava, aquilo que eu lera estava perto; eu estava com alguém que convivera com as personagens que admirava, alguém que na verdade, as trazia mais perto de mim.

Volto para deitar-me, tento relaxar. A tensão continua, agora maior. Os cabelos molhados, o suor escorre pelo pescoço; tento raciocinar mas não consigo; aos poucos vou perdendo o controle sobre o corpo, um frio nas costas. Levanto, fecho a janela. Poderia ser o vento que chega pela madrugada pois sinto um frio que passa para o tórax. Começo a soluçar. Não estou acordado nem dormindo, uma vigília angustiosa. Com os olhos semi-cerrados vejo imagens desconexas; abro os olhos, desaparecem. Visão ou sonho? Novamente as imagens, as mesmas: um japonês com óculos *ray-ban*, carros pretos em alta velocidade saindo de um prédio cinzento, na fachada letras que se embaralham: CCCCPPPCCC. Acordo de repente, a volta de uma viagem surrealista, como de um grande susto. Longa noite de arrepios, madrugada holográfica.

Sento-me na cama, o soluço intermitente: com a palma da mão asculto o coração, vítima de tantas fantasias, era a taquicardia que aos poucos se vai. O relógio já marca dia claro. Seis e trinta e cinco do dia 16 de Dezembro Sangrento. 1976.

Tudo nítido. Serenidade e lucidez de agonizante me envolvem. Uma calma que nunca tive. Trêmulo ainda. A tragéia tinha chegado.

— Nardo! Nardo! a voz de minha mulher, lá embaixo na cozinha.

— Veja o jornal!

Leio a manchete do canto direito do "Estadão": "II Exército anuncia morte de 3 líderes do PC do B". Mais abaixo: "Mortos três dirigentes: Pedro Ventura de Araújo Pomar, Ângelo Arroyo e João Batista Franco Drumond".

Soco no peito. Lágrimas. Maxilar que se aperta, dentes trincando. A mulher e a empregada olhando assustadas.

Geisel tinha prometido: não permitiria mais assassinatos políticos depois de Wladimir Herzog, de Manoel Fiel Filho. Sempre a mentira! Agora, tínhamos as vítimas da "abertura". Uma voz me tira do transe:

— Dona Maria, este homem aí não é o padre Anchieta? perguntou a empregada. Durante os últimos meses, Pomar freqüentava amiúde minha casa. O que falar para a empregada, minha comadre, a respeito daquele homem calvo, sempre sorrindo que lhe dava a mão e perguntava pelas crianças? Aquele homem que antes de sair fazia questão de despedir-se? Essa atenção era coisa de padre, querendo granjear simpatias para sua igreja. Um dia ela perguntou:

— Dona Maria, esse homem é padre?

As crianças, que faziam lições na mesa da cozinha, responderam rindo:

— É. Ele é o padre Anchieta.

— É, Dona Maria?

— É, Fátima. Ele é o padre Anchieta.

* * *

Um dia depois da chacina. Meu telefone toca. Era Antonio. Devia ter lido a respeito da chacina pelos jornais.

Ele sabia que Pedro Pomar nunca perdera o contato comigo durante os quase vinte anos de repressão. Para Antonio, eu nunca representara coisa alguma. Tirava tarefas pequenas, que para mim eram como uma aventura. Ele sempre crítico. Achava que Pomar se encontrava comigo pela necessidade. "Comunista não tem amigos, tem posições", uma mentira. Antonio fora do partido, e eu dispersivo, confuso, medroso, sempre me encontrando com Pomar; fazendo contatos; acertando agenda; procurando as "pontas" operárias,

como falava ele; procurando levar a sua palavra para os companheiros desligados na zona leste.O nosso estreito relacionamento criava em Antonio, um certo ressentimento. Senti isso num encontro que iria ter com o velho combatente. Nessa oportunidade Antonio entregou-me um pequeno presente, pois o encontro com Pomar seria na semana do aniversário dele. Era uma caixa com uma caneta e um envelope contendo um recado. Pomar o abriu e leu (eu li por ser xereta): "Companheiro! Saudades. Queria conversar contigo sem intermediário". Era bobagem de Antonio, pois o velho não tinha condições de encontrá-lo, tanto que o procurou quando a oportunidade surgiu.

Sempre alguma "coisa" havia na recusa de Pomar em se encontrar com muitos antigos do Partido. Ele sabia muito através de mim. Na pequena biografia do revolucionário, seu filho Wladimir escreveu *: "...Arnaldo Mendez, uma pessoa fora das fileiras partidárias a quem meu pai tinha grande amizade e com quem jamais deixou de comunicar-se".

Recordo-me de Aracy de Almeida, a cantora que carregava o violão do compositor Noel Rosa, quando ele ia para os palcos. Revejo, também, no quadro da "Independência do Brasil", no museu do Ipiranga em São Paulo, o carreteiro que, ao lado dos soldados, olha para o ato histórico, sem entender nada do que se passava. Eu sempre fui o tal carreteiro em toda a história que presenciei, fui a "Aracy de Almeida", de Pomar.

A minha participação foi limitada a: ficar com os filhos de Pomar em 64; criar um "socorro vermelho" particular aos presos na época; levar recados; fazer contatos; levantar finanças com amigos e simpatizantes; receber cartas; dar

---

* Veja esclarecimento sobre o nome Arnaldo Mendez em "Nota do Editor", p. 5.

minha opinião sobre o que estava acontecendo. Na verdade, eu sempre estava meio "por fora", mas firme numa amizade. Uma história de amizade entre um grande homem, um revolucionário, aquilo que de melhor a natureza humana criou, e um homem inseguro, pequeno burguês, mas com rasgos de coragem em nome desta amizade por alguém em quem se acreditava. Sempre agi intuitivamente. Nunca me enganei com as pessoas — quando a decepção vinha, eu já sabia, pagava pra ver, mais para confirmar a intuição, que nunca falhou.

* * *

Nos dias que se seguiram à tragédia da Lapa, uma visita inesperada: Catarina, a companheira de Pomar. Estava muito doente. Operada, quase morrera devido a um aneurisma. Pomar, que viajaria ao exterior não embarcara. Amazonas tê-lo-ia substituído?

Catarina vinha amparada pelo filho Carlinhos. Quase não andava direito. Quando a vi, não acreditei, tinha envelhecido ainda mais. Nosso encontro foi em cima de toda a tragédia, e ela sabia o quanto eu gostava de Pomar. Ele era como um pai, o pai que eu queria ter. Não fumava, nem bebia, era honesto, sincero, amável, solidário, humano. Alguém que nos criticava, avisava, mas, se a gente "quebrava a cara", era comum que dissesse: "Aprende agora pelos erros, mestre!"

Catarina, pálida, um olhar por trás dos óculos, uma expressão que não dá para descrever. Patética emoção. Ela sabia de tudo que poderia acontecer na vida que os dois tinham escolhido há quarenta anos.

Geisel que, segundo os jornais, havia prometido não permitir que continuassem as torturas, tirou o general Ednardo D'Ávila do II Exército, depois de tanta violência.

Aquilo não era certo!! A forma bestial das mortes. A brutalidade. A violenta repressão. A companheira de Pomar, mulher sensível que era, passara um mês com terrível enxaqueca após a morte de Marighella. Cada companheiro que caía, mesmo em outras posições, era um sofrimento muito grande para aquela mulher que convivera com quase toda a "velha guarda" do Partido. Uma história de lutas que começara no início dos anos 30.

Catarina deixa para mim duas tarefas: guardar a velha maleta de Pomar com três revólveres antigos e umas caixas de balas, e pedir a um nosso amigo, que procurasse saber alguma coisa sobre a tragédia, já que não se sabia quase nada. O amigo tinha um contato com alguém no passado do Partido. A tal pessoa da qual Pomar falava, "Este homem é prata de lei", era irmão de um general e, através deste, apesar de ser de direita, podia-se sempre colher algumas informações. Passei a tarefa. O nosso amigo demorou quase uma semana, justificou com um resfriado — era o medo. O próprio Antonio tinha receios de vir até em casa. Nas horas de frestas de liberdade, todo mundo é revolucionário.

Anos finais da década de 50, Pomar chega ao Tatuapé. Meu pai, amigo do Partido, comerciante "progressista", contribuinte da organização, até recibo com estrelinha vermelha lhe forneciam, disse:

— O que este homem está fazendo aqui? Esse é linha de frente! Ouvi falar muito dele. Foi deputado federal. Um dos mais votados do Partido.

Pedro Pomar estava chegando para mais uma auto-crítica. Homem da Direção Nacional do Partido para a distrital do Tatuapé, descia para as bases. Dali, em 1962, seria expulso por Prestes, começaria a reorganização. O velho Partido vestiria roupa nova para preparar-se novamente para a legalidade: PCB (Partido Comunista Brasileiro). Pomar, João Amazonas e Maurício Grabois manteriam a mesma bandeira: PC do B (Partido Comunista do Brasil). O golpe de 64 pegaria de surpresa a luta ideológica. O país trocava de dono, conspirava-se abertamente, nas barbas do presidente da república; os governadores aumentavam os efetivos das polícias estaduais; o embaixador americano dava respaldo ao golpe; o velho líder e secretário vitalício do Partido, Prestes, achava que... "os comunistas não tinham o poder, mas estavam no governo", "o exército era o mais democrá-

tico do continente", "o dispositivo militar de Goulart garantia as Reformas de Base". O "sonho de verão" acabou com a realidade, aquela realidade que sempre os marxistas brasileiros procuravam interpretar, as muitas realidades. Discutiam-se as teses do XX Congresso da União Soviética, "os crimes de Stalin". Quem estava com a razão? a China? a União Soviética? O golpe não separou ninguém: na malha caíram todos. A Repressão não perguntava, na hora da prisão, de que lado eram os militantes. O pau comeu, lotaram-se os cárceres, as discussões continuariam dentro das grades.

* * *

Em 1961 eu era janista. Estava no Comitê da Zona Leste quando fui apresentado a Jânio Quadros como sendo filho de um dos maiores empresários da região — "um jovem que enfrentava os comunistas da região", palavras que, sem dúvida nenhuma, demonstravam uma gozação do presidente do Comitê, Samuel Costa, que, como outros, conseguiria um bom emprego no Ministério do Trabalho. O "novo Messias" impressionou com seu capote preto, sujo de caspas. Um fanático. Seus cabelos caídos na testa, os olhos estrábicos, segurando a gola do velho capote, deixava também cair os óculos.

— Meu caro Samuel, dizia, o dedo em riste; Vassoura é para inimigos e... também para os amigos!!! Na realidade era uma figura digna de caricatura: "salvador da Pátria", que me impressionou profundamente. Ali estava o homem que, acreditava eu, iria limpar o país da corrupção.

Nessa época, encontrando-me com Pomar, contei que estivera com Jânio e da impressão que me causara. Meu amigo sorriu e disse:

— Confiar nesse homem sem ideologia, amigo dos poderosos? Um tipo desses nunca fará nada pelos pobres! Te arrependerás! Cuidado! A vida ensinará quem está com a razão!

Dia 24 de Agosto de 1961. Um dia antes da renúncia. Recordo-me bem desta data: seguíamos juntos, eu, meu pai e Pomar para assistirmos a pösse da diretoria da Sociedade Amigos do Tatuapé, quando este último fala-me:

— O teu amigo (referia-se a Jânio) está com um pé na rua! Te falei que esse homem ia dar nisso! Política interna de direita, externa contraditória! Não vai ficar! Vocês que votaram no homem, precisam defendê-lo!

Quando chegamos ao local da posse, Pomar pediu a palavra, explicando para os presentes o que estava se passando. Ninguém entendeu nada. Na volta senti que a situação era grave.

No dia seguinte o rádio noticiava. O presidente renunciara, estava em Cumbica. Circulavam rumores de que estava preso.

Pomar me procurou imediatamente, perguntando-me se conhecia alguém ligado ao Presidente.

— Conheço um tal de Dr. Borges, respondo.

Tentamos uma ligação com o Ministro do Trabalho, Francisco Castro Neves. Pomar faz o contato, ao mesmo tempo em que chega até nós a informação de que uma greve estourara na Leopoldina, no Rio. O renunciante dava o troco:

— "Não estou disposto a incendiar a nação!"

Partiu num cargueiro inglês. Mesmo assim não desisti, continuei acreditando que ele voltaria para o país. No

Repórter Esso era noticiado extravagantemente que o ex-Presidente afirmara: "Vou ser pedreiro em Cuba"! A minha ingenuidade chegou a tal ponto que tinha até escrito uma carta para Londres, para o hotel onde estava hospedado o meu salvador da Pátria! As esperanças não me abandonaram até o dia de sua volta triunfal.

— Magalhães, dizia ele a Magalhães Pinto, sou um soldado de suas hostes!

Foi a última esperança. Soldado do Banco Nacional?

Pomar tinha razão. Comecei, então, a freqüentar sua casa, uma casa modesta, numa rua sem saída, travessa da Avenida Conselheiro Carrão. Muita paz e simplicidade. Na época, dava aulas de russo, traduzia alguns livros — estava traduzindo "Ascensão e Queda do III Reich" de Wiliann Schirer, para a Editora Civilização Brasileira, "De Mancada à ONU" de Fidel Castro, iniciando um livro inacabado "O Estado Brasileiro".

* * *

30 de Março de 1964. Manhã bem cedo. Assusto-me com o toque da campainha; quem seria àquela hora?

Era Pomar, trajando terno escuro e tendo a velha maleta numa das mãos.

— Tudo bem, mestre?

— Tudo, respondi, alheio aos acontecimentos.

— Preciso de sua ajuda. O Mourão (referia-se ao general) está saindo de Minas com as tropas, vamos ter um golpe! Queria lhe pedir um favor "mestre": gostaria de deixar meus garotos com você. Depois minha companheira passa para pegá-los.

No dia seguinte começariam os horrores e abusos que costumam acontecer quando o poder é tomado pela força.

A casa de Pomar é invadida. Catarina, sua companheira, interrogada e ameaçada. Queriam metralhar o forro da casa porque pensavam que Pomar poderia estar lá. Revolucionário, estava bem longe mostrando-se sempre bem informado e prudente.

Carlinhos, o garoto mais novo, na época uma criança, quase pego no fundo do quintal; chegaram até mesmo a colocar metralhadora na cara do menino, ficou com um tique nervoso por ter presenciado todas essas violências — repuxava os lábios quando conversava.

O bairro ficou em pânico.

* * *

Alguns meses após o golpe. Anatensol e Psicosedin, receitados pelo Dr. Ciro. A neurose estava estourando. Lá vem Pomar pela Rua das Palmeiras, de terno claro. Está sorrindo e se despede de um companheiro numa esquina; eu pensava que viria como um detetive de histórias em quadrinhos, com chapéu e gola da capa de chuva levantada. Descemos uma rua. Segura o meu braço. Quer saber de mim, da família, dos amigos. Despede-se, perde-se na noite.

Fico olhando o passo seguro, o andar tranqüilo de um homem honesto. A ditadura fecha de um lado, mas abre o povo de outro.

Meses depois, seguimos na noite fria. Pomar usa minha japona, grande demais para ele, e uma boina resguarda sua cabeça da garoa da noite; está de bigodes, agora; quase não alcanço seus passos, seu corpo magro incansável, sempre segurando meu braço.

— E a classe operária, quando? pergunto eu.

— Calma, mestre! Ela vai mover-se! responde meu amigo.

— Não falta um líder?

Pomar sorri da minha ingenuidade, enquanto responde:

— O líder se forja na luta, o problema não é de personalidades!

Seguimos, pois o ônibus pode chegar a qualquer momento. Tive receios de não vê-lo mais, pois a Repressão fechava o cerco sobre todos. De repente o ônibus chega, e meu amigo espera que os demais passageiros subam, enquanto falo rapidamente que meu primo está como eu, apavorado.

— Calma, não te afobes que a caminhada será longa!

O coletivo está partindo enquanto Pomar me acena com o olhar ao lado do cobrador na roleta; o coletivo vai desaparecendo no fim da rua. Até breve ou seria a última vez?

* * *

Segui pela Rua Teodoro Sampaio com Pomar a meu lado, num Fusca 61, azul, ganho com a primeira comissão de minha nova profissão —. "Corretor de Imóveis". Passamos pela rua enfeitada — é mês de Dezembro — o clarão das luzes com um foco sobre a clandestinidade. O povo estaria mais preocupado com as compras de Natal, inerte como os manequins das vitrines, recolocados para o Natal tropical de 30 graus? O acelerador puxado para o velho Fusca não "morrer". Faltava dinheiro para uma bateria nova ou recondicionada. "Sinto muita paz; um sentimento do dever cumprido com a vida que escolhi!" fala-me.

Deixo-o numa esquina. Vejo seu encontro com um outro companheiro.

Voltando pela Rua Pinheiros, o Fusca "morre" no semáforo, "pau velho" de guerra! É a terceira vez. Minha sorte é que, por ser descida, o motor pegava facilmente. Paro no farol. Um Papai Noel me acena ao lado de uma loja em liquidação. Vejo sua cara triste, ele vê a minha assustada. Seria um operário desempregado? Fantasiado de palhaço importado? Firmo a vista: sua bota de veniz preto descascado, um cinto largo caído; toca um sino silencioso e melancólico, purpurina de prata do ano passado. A barba branca, roupa vermelha. Seria um Papai Noel ou trazia no saco a Revolução? Seria Marx disfarçado?

Vou parar na Avenida Paulista não sei como! Os edifícios gigantescos. O relógio de dígitos com a temperatura: 32 graus, a hora? não quero nem saber! Com a imponência dos prédios massacrando, sinto-me uma formiguinha. Pergunto a mim mesmo: "Queremos derrubar todos esses castelos de injustiças, mas como?" Lembrava que Lenin tinha virado o mundo com um pouco mais de mil revolucionários, há pouco menos de sessenta anos!

Tenho que memorizar o próximo encontro. O "ponto" perto do Instituto Biológico. "Canse o corpo e cuide da cabeça". "A psicanálise está precisando de uma psicanálise!" "O medo é o egoísmo feroz do homem". "Pobreza não é vício! Pobre envergonhado da pobreza, isto sim, é uma desgraça!" "Deus!!? Perder tempo com uma coisa que não existe!" "Temos que lutar pelos pobres que estão perto de nós". "Sabe, Mestre! Os padres não querem sacrificar-se porque o Cristo já se sacrificou por eles!" (ria) Voltava com as frases de Pomar que me deixavam pensando por longo tempo.

* * *

Março de 1964 deixou lembranças muito amargas. As prisões. Antonio preso na CAIO. Manoel Siqueira, Martinez, e tantos outros, presos. O capitão Ralf da polícia militar iniciava a carreira. O dedo de Abel de Matos Cabral, da Associação Comercial. Os comunistas caçados de casa em casa.

O pessoal do Partidão permanecia na ilusão de que o golpe não vingaria. Resultado: Amos, Natali e uma porção de partidários foram para o Presídio do Hipódromo. As sedes dos dois partidos, PCB na Rua Antonio de Barros e PC do B, próximo à Rua Tuiuti, foram também invadidas. Para piorar, o contrato de locação dessa última estava no nome de Manoel Siqueira.

Tentei ajudar. Conseguimos descobrir que o carcereiro de um dos presídios era Adão, um alfaiate, amigo da gente do bairro. Assim, remédios, latarias de conservas, livros recados, cartas chegavam através dele aos nossos amigos. Era conhecido de todos os militantes presos. Eu fazia o envio das encomendas. PCB e PC do B.

As prisões foram surrealistas. Numa mesma cela, várias histórias: um biólogo vindo do interior amarrado com cordas; um crente que pedia para que Deus o soltasse; um rapaz que comprara bomba para o poço artesiano do sindicato no litoral; um operário preso num trem de subúrbio portando a carteirinha vermelha do sindicato. Uma palhaçada!

* * *

Para Manoel Siqueira a prisão não era novidade. Conhecia os presídios, o DOPS paulista como sua casa. Revolucionário experimentado, Siqueira era conhecido como Mané Cavalo ou Simões. Um dos homens mais valentes que

conheci. Muito respeitado por Pomar. Não era um intelectual. Operário antigo, com um passado de lutas, era firme na identidade com sua classe. Alguns anos depois, conversando comigo, falava: "A gente não se entregava facilmente; nós estávamos certos, eles não! "(referia-se à Repressão). A convicção! A convicção! Olhos castanhos esverdeados, corpo rígido de operário: "Os intelectuais ficam lendo, lendo; na hora da luta, voltam, ficam com medo!" Siqueira enfrentou o Estado Novo em 37. Entre os acontecimentos que presenciara, o de uma operária do "Guilherme Giorgi" (referia-se à fábrica), que fora despedida e presa por ter um pouco de estopa na marmita.

Mané Cavalo enfrentava os patrões com firmeza. Participou das poucas greves do Estado Novo. Lutava no "mano-a-mano" com o Pascoalão do DOPS paulista, uma espécie de Fleury da época. Um homem de mais de cento e cinqüenta quilos. O fascínora muitas vezes levava a pior. Siqueira e José Duarte enfrentavam a polícia no braço. Mané, na prisão, era um exemplo: criar o coletivo, repartir o pouco com todos, exigir o sol, reclamar da comida, quase sempre deteriorada, fazer dos sapatos um travesseiro, animar os novatos, resistir às "porradas", e revidar se possível. Quando era liberado, na saída das prisões, esperava alguns "tiras" e fazia um acerto de contas com os torturadores.

Manoel Siqueira foi um dos grandes revolucionários que não teve sua biografia notada pelos historiadores. Um de seus depoimentos causou grande repercussão na imprensa. Falou na cara dos militares no I.P.M. (Inquérito Policial Militar) com toda sua franqueza, quando lhe perguntaram: "Você, se estivesse em nosso lugar, o que faria a nós?", ao que Mané respondeu: "Fuzilava todos! Bidu!". Pomar lera o depoimento comigo no Diário Oficial; não gostara da gíria mas admirava Siqueira que, apesar de não ter muito conhe-

cimento teórico era, dizia ele, um dos grandes homens do Partido, pela coragem e consciência de classe.

Um fato, no mínimo pitoresco, marcou a passagem de Mané Cavalo pelo litoral. Ele havia "saído do ar" em 1968 quando a "barra" pesou. Enviava-lhe uma ajuda para compra de sal, óleo e fósforos — era o mínimo necessário que precisava para sobreviver, entre a serra e o mar. Era um homem muito visado: tinha processos na Auditoria de Guerra. Assim, um amigo do Partido, um polonês pequeno comerciante de roupas feitas, ofereceu sua casa de praia — quase não ia lá. Mané aceitou. O velho operário era um grande pescador, tendo, inclusive, organizado, nos períodos de legalidade, um clube de Caça e Pesca, cujas iniciais invertidas davam PC, uma gozação para os velhos militantes aposentados.

Ao partir para lá, Siqueira reclamava um contato com o Partido, desestabilizado na época; queria um advogado. Consegui falar com Pomar, indicando o local onde Mané se encontrava. Chegando ao litoral, passados alguns dias, Mané é preso por policiais da Delegacia local. Teria sido "dedado"? Somente eu, o comerciante e Pomar conhecíamos o lugar.

Conduzido à Delegacia, fica preso mas nada fala; espera apenas a chegada do titular. Fato ionesco: o delegado pede a Siqueira que experimente uma galocha! O velho revolucionário submete-se e é solto em seguida, enquanto aceita as desculpas do "doutor": "Sabe, o senhor é novo aqui, e como temos recebido queixas de um ladrão de galinhas, que no último furto deixou cair essas galochas, suspeitamos do senhor. Queira nos desculpar pelo engano!!".

Estava livre novamente.

Mané Cavalo cruzou a zona Leste da capital paulista de ponta a ponta. Foi preso inúmeras vezes, espancado, levando sempre os boletins, os jornais do Partido, a palavra de ordem a todos os militantes durante décadas. Sua figura humana: baixo, forte, musculoso, pescoço grosso, moreno, olhos firmes, mãos próprias dos trabalhadores, com aquele aperto seguro. Um humor permanente. Irritava-se quando falava da injustiça, dos repressores, mas nunca se sentia a seu lado, qualquer manifestação de vaciliação ou medo.

Mané Cavalo, sem pertencer à Direção Nacional do Partido, militante de base, foi um dos poucos da organização que foi recebido na União Soviética por Stalin. Aconteceu na década de 50 quando em visita, numa comissão de operários tecelões representando o sindicato, chegaram até o Usbequistão. Nos anos sessenta foi candidato a deputado estadual pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro). Lembro-me quando ele e Pomar foram para o rádio na campanha de Cid Franco, candidato a governador. Cid Franco não foi eleito, não tinha recursos. Vale a pena registrar que Cid Franco foi um dos grandes homens que este país conheceu: socialista, espírita, via nele uma pessoa honesta, humana. Como poderia ser eleito governador ou Mané Cavalo deputado.

Mané, apesar da boa saúde de que sempre gozara, em 1985 tirou um rim. No hospital, o médico que o operou comentou o estado de seu órgão que estava bastante lesado, ao que Mané Cavalo respondeu com humor: "Muita porrada doutor". Resultado dos "paus-de-arara" no DOPS de São Paulo onde ele ficou pendurado muitas vezes.

Mané Cavalo e José Duarte foram dos companheiros qué deram mais trabalho aos policiais nas décadas de 40 e 50. No famigerado prédio de tijolos vermelhos do Largo General Osório, chegaram a lutar dentro das salas de inter-

rogatórios. Quaisquer descuidos por parte dos policiais eles revidavam. Mané, certa vez, ao subir para um andar, nas escadas, mesmo algemado, atracou-se com quatro policiais. Foi preciso todos os policiais de plantão para deter o revolucionário. Massacrado de tanta porrada, colocaram-no com água até os joelhos. Contou-me que o frio era tanto que urinava para poder aquecer as águas do porão alagado, ria quando contava-me. Os policiais e os carcereiros que se aposentavam tinham medo de ficar em casa, pelo perigo de um possível revide. Como o caso do Pascoalão, que mesmo aposentado voltava para o "serviço", tendo morrido no prédio numa noite de plantão.

Um rosário de prisões: Casa de Detenção, Presídio do Hipódromo, a "Bastilha do Cambuci". Duarte sempre se orgulhara de suas 36 prisões, 16 anos de cárceres por todo o país, incluindo as ilhas-presídio. Prisões históricas teve Duarte: com Monteiro Lobato em São Paulo, onde os dois criaram a biblioteca do presídio, livros que Lobato pedira às pessoas, que os levavam nos dias de visita. Lobato, aconselhado por Duarte, tomara iniciativa de escrever para a população. Quando Lobato, emocionado, viu os visitantes com as doações, Duarte disse: "Pois é Dr. Monteiro, o sr. reclamava do povo, mas o sr. precisava chamá-lo, e ele veio!" Os dois riram, tornaram-se amigos.

Com Graciliano Ramos no porão do navio Pedro I em 1935. Na Casa de Correção no Rio de Janeiro, na Ilha de Fernando de Noronha em Dezembro de 1941 quando partira de Santos num outro navio-presídio (Tupiara — uma antiga canhoneira alemã). Segundo Duarte essa prisão foi das piores, a ilha não tinha água potável. Precisavam esperar a chuva para beber um pouco. A água disponível era salgada. Este ano foi para Duarte trágico. Quando de sua prisão, ele perdera um filho pequeno de apendicite aguda sem poder vê-lo.

Duarte atravessou as duas ditaduras (Vargas e de 1964) com uma dignidade que deve ser lembrada pelas futuras gerações. Em 1973 fora barbaramente torturado, já era um velho. Na "cadeira de dragão", dentro de tambor que a Repressão fazia rolar, asfixiado com um capuz de plástico que resultou em nove horas de estado de coma. Em 1975, estava novamente preso no Presídio do Barro Branco em São Paulo em condições de saúde precaríssimas. Nessa prisão pede um médico, mas recusa-se a sair algemado do presídio, o que o leva a assinar um termo para o diretor, um oficial-militar que cria um episódio histórico: o militar faz um discurso para os presos, quando Duarte pede também para falar do seu estado e de sua disposição de resistir a toda sorte de sacrifícios, comove os presos políticos. Deste presídio ele seria levado para cumprir pena em Fortaleza até a Anistia. No Ceará, ele faz sua própria defesa na Auditoria Militar. Mesmo preso, sua defesa é considerada um documento histórico pela grandeza de sua verdade, é condenado a mais 2 anos de prisão.

Chega a Anistia, vejo Duarte de novo! Sua aparição é retratada pelos jornais. Até Pomar em 1976, meses antes da chacina acreditava, como o Partido, que estava morto. Pomar trouxera sua biografia, mimeografada, na clandestinidade. Entregou-me o documento e disse com olhos de tristeza: "Este homem é o nosso orgulho!". Levei as biografias aos seus companheiros da zona Leste da cidade. O jornal "EM TEMPO" N.º 88 de 7/11/79 trouxe seu assassinato na Bahia em 1971. Duarte trazia nos pés as marcas dos maçaricos, nas unhas os estiletes, as marcas das torturas, da bestialidade dos regimes de força. E não morrera!!

Duarte ainda hoje (1988) continua dirigindo o C.C.O. (Centro de Cultura Operária) na zona Leste de São Paulo.

Neste ano desliga-se da direção do Partido, sendo em seguida expulso, por não concordar com a linha política, que deixara, segundo ele, de ser revolucionária. Duarte quando de seu desligamento do Comitê Central, uma pessoa perguntou o que ele iria fazer agora, ao que ele respondeu: "Vou continuar comunista e pretendo morrer comunista com muito orgulho". O velho Duarte deixa o Partido depois de 64 anos de militância com lágrimas nos olhos. O PC do B, partido pelo qual lutara, pelo qual seus companheiros deram o generoso sangue pela classe operária, deixava de ter a ideologia operária, era conciliador, estava no governo de Sarney servindo para aplacar as lutas do povo. Duarte começara em 1924 em Bauru, como ferroviário: foguista, maquinista "O MAQUINISTA DO TREM DA HISTÓRIA" título de sua biografia que tive a honra de sugerir a pedido de seus companheiros*.

Sua última prisão, a 37.ª, foi em Dezembro de 1984 pela Polícia Federal. Os vizinhos de sua casa no Tatuapé entraram junto com os repressores para ajudá-lo. O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh impediu sua prisão, argumentando os 80 anos de Duarte. Era o "recenseamento" do regime sobre o PC do B. Numa reunião, 400 oficiais do Exército viram fotografias e debateram os perigos da comunização do país.

* * *

Vi Drumond** uma única vez. Pomar deixara uma tarefa que repeti algumas vezes: conseguir letras tipográficas. O Partido, sem recursos financeiros, sempre dependeu de amigos e simpatizantes. Um paradoxo, enquanto a direita,

---

* Luiz Momesso — *José Duarte — Um Maquinista da História,* Editora Oito de Março, 1988.

** João Batista Franco Drumond, um dos chacinados na Lapa.

a indústria do anti-comunismo, fala em "ouro de Moscou ou de Pequim" um Partido pobre, como seus militantes. Sabia que a tarefa era importante para a imprensa do Partido que dependia de um simpatizante.

O dono de uma tipografia, meu amigo, não iria acreditar mais na minha "história": "um tio no interior, sem recursos, com uma pequena gráfica, precisava de alguns tipos, não tinha condição de comprar uma chapa completa". Recorri, então, a dois primos que trabalhavam com material para papelaria. Pomar os conhecia. Eram de confiança. Chegaram quase à noite, perto da hora marcada, no "ponto". Estavam radiantes, tinham rodado a cidade, sentiam-se "revolucionários". Fomos entregar a encomenda na porta de uma livraria na avenida Santo Amaro. Meu velho amigo Pomar a recebeu, abraçou-nos, apertou calorosamente nossas mãos e partiu. Quando demos a volta no quarteirão, Drumond caminhava ao lado do revolucionário, com o braço em seu ombro. Eu o reconheci, tempos depois, pelo retrato-falado no "Estadão", noticiando a chacina. Era jovem, de barba, nunca o esqueci.

Algumas coisas me intrigavam a respeito do Partido; mesmo não pertencendo às suas fileiras — seria certo depender de rifas, ajuda de pequenas contribuições de simpatizantes? Como poderiam combater uma ditadura que tomava a dianteira na era da informática? Até a tortura não tinha mais o caráter de simples represália, era científica. Obedecia métodos, planejamentos, compilação de dados, computadores. O Estado Novo de 1937 já estava no museu, a ditadura getulista pertencia ao passado. O Partido era quase o mesmo: os mesmos homens, os mesmos métodos. A prova disso tudo: a Chacina da Lapa, sem nenhum dispositivo de segurança que percebesse a presença da Repressão.

Pomar reclamara das ações dos guerrilheiros urbanos, expropriação de dinheiro, dizia-me: "Isto não é o caminho! Podem cair no militarismo, ou pior, no banditismo!"

Este homem valoroso viveu quarenta anos de vida revolucionária em condições precárias financeiramente, repartindo o minguado salário do Partido, dia-a-dia. Lavava os pratos com o mínimo de água possível, usava roupas antigas, dadas por simpatizantes e amigos. Roupas que despertavam atenção na clandestinidade por estarem muito fora de moda. Quando me encontrava com ele na clandestinidade, nos anos setenta, usava calças de linho branco, paletó risca de giz, capa de chantung. Partido pobre de homens pobres; seria uma forma de viver para não enfraquecer?

Será que essa organização se esquecia de que vivíamos outra época? Até hoje a coisa continua, e continuará, da mesma forma! Devo estar errado, não fui militante, não tive vida orgânica.

Pomar, a meu ver, temia que o dinheiro em demasia, fácil, obtido pelos combatentes urbanos nos anos setenta, criasse uma degeneração.

Onde foi parar todo aquele dinheiro do cofre do "Dr. Rui", a amante de Ademar de Barros. Dinheiro que o governador conseguira vendendo para o governo boliviano as vacinas Sabin que conseguira gratuitamente. Mas onde foram parar os mais de dois milhões de dólares? O dinheiro de Jorge Medeiros Vale, o "Bom Burguês", desviado para o exterior? Soube-se que esse dinheiro, guardado numa embaixada africana desapareceu quando a Ditadura pediu a retirada do embaixador para seu país. A guerrilha urbana conseguira numerário suficiente para uma guerra popular

prolongada, mas fracassara. De um lado, o excesso, de outro, os recursos minguados: rifas, as pequenas contribuições para o Partido poder caminhar. Graxa demais, a carroça patinava, graxa de menos, emperrava.

O primeiro semestre de 1976 começaria trágico.

Em Março desse ano o golpe militar na Argentina. Em Mato Grosso, dia 16 de Julho, assassinados o padre Rudolf Lumkenhein e o índio Simão Bororó. Condenados à prisão perpétua três presos políticos em 22 de Julho. Explode uma bomba na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), outra bomba na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil); nos dois lugares, encontrados panfletos da AAB (Aliança Anticomunista Brasileira). Morre o ex-presidente Juscelino Kubitschek em acidente automobilístico na via Dutra, em circunstâncias duvidosas: o motorista do ônibus acusado pelo acidente, internado numa clínica. JK, acostumado às viagens aéreas, trocara de carro na via Dutra. Em 5 de Setembro explode bomba na CEBRAP em São Paulo. Assassinado o ex-embaixador de Salvador Allende, Orlando Letelier, num atentado nos Estados Unidos, em 21 de Setembro. No mesmo dia, seqüestrado o bispo D. Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro; outra bomba explode em seu carro em frente à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Em 12 de Outubro, assassinado o padre João Bosco Penido Burnier, também em Mato Grosso, quando reclamava de torturas a pos-

seiros. Em 6 de Dezembro, bomba, atentado terrorista, a direita se volta para a Editora Civilização Brasileira. Estava começando o Dezembro Sangrento.

São Paulo, 16 de Dezembro de 1976 — O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil reúne-se no bairro da Lapa, à Rua Pio XI n.º 767. Era uma reunião muito esperada. Entre os assuntos, o principal era fazer uma avaliação da Guerrilha do Araguaia. A casa, onde todos se encontram, está sendo vigiada há dez dias. Agentes de vários órgãos de segurança começaram a chegar discretamente no local, em automóveis particulares; foram se espalhando pelas imediações estrategicamente, sem despertar a atenção da vizinhança. As luzes da casa permaneceram acesas até altas horas da noite. Dentro dos carros, as metralhadoras. Uma grande operação com ramificações em vários Estados. Diversos serviços de informação trabalharam na malha que seria jogada. O local da reunião favorecia a operação: rua movimentada onde trafegavam muitos carros e ônibus. Ao lado, duas casas. Nos fundos, um terreno em declive com um muro de arrimo com quase quatro metros de altura, que impediria qualquer desejo de fuga, no caso de haver necessidade de uma descida por aquele local. No plano inferior, que dá saída por outra rua, uma casa em construção. Imprudência para uma organização com mais de meio século de experiência em regras de segurança?

Logo começaria a "caça de espera". Terminada a reunião os membros do Partido começam a sair. Como de costume, a saída é feita em grupos de duas ou três pessoas de cada vez. Os que saíram, foram presos, os agentes os seguiam. Na casa, permaneciam Pedro Pomar, Angelo Arroyo e Maria Trindade. Quando o número de prisões dera o resultado de "uma grande caçada", começaria, então, a ação fulminante: A CHACINA DA LAPA.

AS PRISÕES: As primeiras pessoas a sair, ainda na noite da reunião, após o término da mesma, foram Waldimir Pomar e João Batista Drumond; a seguir, formando um segundo grupo, saíram Aldo Arantes e Haroldo Lima. Era costume de Jover Telles sair somente pela manhã, depois das reuniões. Ele saiu com José Novaes, devido o horário de retorno deste. Pedro Pomar e Arroyo iriam permanecer ainda na casa. No dia 16, às seis horas da manhã, Joaquim Celso Lima, encarregado do transporte dos militantes, sai com Elza Monerat, levando José Novaes e Jover Telles, onde tomariam o rumo de seus locais de origem. Joaquim começa a ser seguido por um Volks; em vista disso, a regra de segurança de viajar com os olhos fechados é quebrada para que os militantes se localizem. Telles e Novaes descem do carro mas Elza prefere continuar. Dez minutos depois, o carro é cercado e abalroado, os dois que permaneceram no veículo são presos.

Wladimir Pomar é preso na esquina da avenida Santo Amaro com a antiga Avenida Central (atual Padre Antonio José dos Santos). Haroldo Lima foi preso ao dirigir-se ao metrô. João Batista Drumond, que havia saído com Wladimir por volta das vinte horas, ficou perto da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio com Rua Groenlândia. A Repressão deu a morte de Drumond como "atropelamento", porém, em uma carta de Wladimir à Auditoria Militar, consta que na noite do dia 15, sob tortura no DOI-CODI do II Exército, este ouviu um policial referir-se a um outro preso que levava números do jornal "A Classe Operária" dentro de um pacote de biscoitos (era um costume de Drumond usar esse meio); ouviu também gritos de alguém torturado por volta das *quatro horas da manhã;* uma correria atrás de um preso que teria se jogado da janela no pátio do DOI, ordens apressadas chamando um médico. A prisão de Drumond deu-se entre vinte e uma e vinte e duas horas do dia 15 de dezembro

de 1976. O horário de sua morte por "atropelamento" foi *quatro horas* do dia 16 de Dezembro, de acordo com a nota oficial.

Mas voltemos à casa cercada por agentes de segurança. O primeiro grupo de agentes toma de assalto a obra da casa em construção, situada atrás do n.º 767 da Rua Pio XI; os pedreiros que lá trabalhavam são obrigados, sob a mira de armas de grossos calibres, a se deitarem no chão; alguns são levados para um quartinho de madeira, onde são guardados materiais. Os agentes esperam poder impedir a fuga de alguém que tentasse escapar por ali. Tudo ficará sob controle até que a operação termine. Na Rua Pio XI, outros agentes começam a se dirigir para a frente da casa visada; penetram no quintal da moradia ao lado; alguns se escondem atrás dos veículos que começam a se aproximar; protegidos, darão cobertura aos demais, que agora se encaminham para a frente do local da reunião. Esse grupo, mais numeroso, com armas potentes, um verdadeiro arsenal de guerra nas mãos: metralhadoras, fuzis, Luggers 9 mm, carabinas 12mm, como numa batalha, diante da entrada da pequena casa. O sinal verde. A ordem. Vai começar o DEZEMBRO SANGRENTO!

Fogo! Estrondos ensurdecedores das balas das metralhadoras, carabinas, todas descarregando ao mesmo tempo. A estrutura da casa abalada. Os vidros das janelas estilhaçados. A porta de madeira furada como uma peneira. Momentos de pânico e horror!! Os agentes penetram agora no pequeno jardim; a janela estourada, fazem fogo concentrado lá dentro!

No interior da casa, na sala, Pedro Pomar é atingido na cabeça e em outras partes do corpo pelas balas de grossos calibres (são balas dum-dum, iguais a bolas de gude, que destróem tudo o que encontram a menos de quarenta me-

tros). Ângelo Arroyo é atingido pelas costas: estava saindo do banheiro em direção à cozinha. Maria Trindade estava fazendo o café da manhã — eram seis horas e trinta e cinco minutos. Ela, em seu depoimento, disse que Pomar teria escutado a movimentação dos agentes, chegado até a cozinha e dito "Desgraça! Nos pegaram!" — quando volta para a sala, provavelmente ao tentar queimar documentos, teria sido atingido, por tiros que, partidos da janela, sem possibilidade de qualquer defesa, mataram-no instantaneamente.

Pela violência das balas, o corpo de Ângelo Arroyo é levado ao ar, indo bater no teto do corredor, onde ficaria uma grande mancha de sangue. Pedro Pomar, caído na sala; à sua volta, em torno de sua cabeça, uma enorme poça de sangue. Pomar estava de sandálias, camisa de mangas curtas. Maria Trindade é retirada rapidamente da fuzilaria pelos agentes. Pomar e Arroyo não tiveram tempo de resistir. Ambos desarmados. Pedro Pomar, 63 anos. Tanta parafernália para matar dois homens desarmados! O objetivo visado, ou seja, a "cabeça" do velho revolucionário, ficou patente quando soube-se que nos dias anteriores foi feita a triagem das prisões havidas. Surgiriam, então, alguns enigmas: as circunstâncias misteriosas da morte de João Batista Drumond e uma possível, quase certa, "delação".

O Partido tinha "caído" ao amanhecer, em São Paulo.

A operação, segundo nota oficial em conjunto, resultou de três meses de investigações dos serviços de informações do I, II, III Exércitos, sob a coordenação do DOI (Divisão de Operações e Informações do II Exército).

Com o êxito da operação, o trânsito começou a ser liberado ao tráfego, impedido que estava desde a manhã. Policiais do DSV tinham-no desviado para outras travessas. Maria Trindade, que habitava a casa, não percebeu o silên-

cio causado pelo desvio; normalmente o morador conhece os ruídos de sua casa, era um dia de semana comum.

Preocupados em isolar o local, os agentes se impacientariam com a chegada do pessoal dos noticiários. A equipe de reportagem da TV Bandeirantes teve seus filmes vedados, os equipamentos apreendidos. Um técnico levou alguns sopapos de um agente policial, sendo, ambos, encaminhados ao DOI, que ficava na rua Tutóia; incidente contornado depois pelo então Secretário de Segurança, Cel. Erasmo Dias, que se desculpou com a direção da empresa segundo os jornais. Uma perua Kombi com chapa de São Bernardo do Campo foi colocada na lateral da casa; a intenção era de que não se visse o que estava ocorrendo no seu interior, onde a ação deixara dois homens destroçados no chão. Num momento de descuido, podia-se ver o sangue no assoalho; algumas poltronas estavam próximas à porta, colocadas talvez para impedir a entrada dos repressores. Pomar e Arroyo não tiveram tempo de queimar os documentos da organização. Regra de ouro dos revolucionários. Com a chegada da Polícia Técnica, ou antes, quem sabe, a cena, como numa peça de teatro, foi armada: Pomar tinha ao seu lado um revólver, os óculos caídos sobre o rosto. Ora, todos sabiam que o revolucionário usava óculos somente para ler, de perto! Ele estava desarmado e enxergava muito bem de longe. Arroyo tinha a seu lado um fuzil, que depois das "fotos" foi levado pelos agentes, e uma velha espingarda, também colocada para o mesmo fim. Tanto é verdade que nenhum dos agentes foi ferido no desenrolar da "resistência". E o repórter Nelson Veiga da TV Bandeirantes não viu o revólver e o fuzil.

Durante horas, até o começo da tarde, foram transportados para veículos dos serviços de segurança, grande quantidade de livros, roupas, jornais, manuscritos e outros objetos.

No dia seguinte à chacina, a nota oficial dizia:

(I) * "Em operação montada e executada pelo II Exército, com a colaboração de outros órgãos de segurança, foi estourado, na manhã de hoje (16) um 'aparelho' subversivo, nesta Capital, no bairro da Lapa.

Durante a operação, uma área desse bairro teve de ser interditada, travando-se um tiroteio na Rua Pio XI, em face da reação a bala dos sitiados; daí resultando dois subversivos mortos, havendo um terceiro morto, atropelado quando de sua fuga.

No momento, procede-se a identificação dos mortos e a triagem dos detidos, para verificação de suas verdadeiras identidades e reais ligações com os proscritos PCB e PC do B.

A operação foi desencadeada em decorrência de contínuas observações sobre as atividades em uma casa daquela rua, onde várias reuniões se processavam, às quais compareciam elementos anotados por informações oriundas de fontes bastante diversificadas e que os apontavam como membros de cúpula daquelas organizações subversivas.

O Comando do II Exército agradece o apoio recebido da população e da imprensa durante a fase preparatória, bem como a compreensão e a colaboração por ocasião da operação realizada.

assinado: General Dilermando Gomes Monteiro."

Segundo os noticiários, três meses de investigações, operação conjunta do I, II e III Exércitos, sendo do DOI a

---

* (I) e (II) — *O Estado de S. Paulo,* p. 32, 17/12/76.

coordenação da ação. Esta ação exigia tal coordenação, por serem os elementos alvos da operação, originários de outros estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Pernambuco e São Paulo.

> (II) "(. . .) a luta contra a subversão só pode ter resultados positivos se contar com a cooperação da população (. . .). (. . .) sozinhos os órgãos de segurança nada podem fazer (. . .)"

era o mesmo general que pedia para os cidadãos "denunciarem reuniões ou movimentos suspeitos, às autoridades policiais".

(III) * Identificações:

MORTOS

Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar

Filiação: Felipe Cóssio Pomar e Rosa de Araújo Pomar

Nascido aos 23 de Setembro de 1913, em Óbidos, no Pará.

Codinomes: "Lino Boa Sorte", "Vilas Boas" e "Mário".

Teve seus direitos cassados por dez anos no dia 13 de Julho de 1964.

Condenações: Em 17/03/1969, pela 2.ª Auditoria do Conselho de Justiça Militar a seis meses de detenção; em maio de 1972, a dois anos de reclusão, pelo Conselho Perma-

---

* III — *Folha de S. Paulo,* 28/12/76.

nente de Justiça — em três processos, revel, condenado num total de sete anos e seis meses.

Em 13 de Março de 1975 teve novamente seus direitos políticos cassados por mais dez anos.

Ângelo Arroyo

Filiação: Ângelo Arroyo e Encarnação Pardido

Nascido em São Paulo aos 6 de Novembro de 1928.

Codinomes: "Aluízio", "Joaquim" e "Noé"

Teve seus direitos políticos cassados por dez anos em 27 de Outubro de 1966 pelo AI-2. Revel em todos processos de condenação: seis anos de reclusão pelo Conselho Permanente de Justiça; cinco anos .em 13/03/1975, de reclusão na 1.ª Auditoria de Guerra.

João Batista Franco Drumond

Filiação: João Batista Franco Drumond e Zillah Franco Drumond

Codinomes: "Evaristo", "Zê", "Venâncio" e "Luiz"

Condenações: Três anos e seis meses pelo 7.º Conselho de Justiça Mili-

tar em em 5 de Dezembro de 1969; cinco anos e dois meses em 15 de Dezembro de 1969, sendo absolvido pelo Superior Tribunal Militar; nove anos em 18 de Junho de 1970, todas as condenações "à reclusão".

PRESOS

Aldo Arantes — 37 anos, ex-presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes) em 1968.

Codinomes: "Dias", "Gilberto", ou "José Roberto de Souza"

Elza Monerat — 57 anos
Codinomes: "Velha", "Ana", "Ana Maria, "Velha Maria", "Dona Maria" ou "Maria da Glória Lopes da Silva"

Condenada, em 1975, como ré revel, a cinco anos de reclusão na 1.ª Auditoria de Justiça Militar de São Paulo. Direitos políticos cassados por dez anos.

Haroldo Lima — 36 anos
Codinomes: "Zé Antonio", "Vinícius" ou "Rêgo"

Procurado desde 1970. Condenado, em 1974, a cinco anos de reclusão; direitos políticos cassados por dez anos.

Wladimir Pomar — 39 anos
Condenado a dois anos de reclusão em 1969 pelo Conselho Permanente da Justiça na 6.ª Região Militar — Bahia.

Joaquim Celso Lima — 51 anos
Codinomes: "Jack", "Célio" e "Atílio"

Maria Trindade — 51 anos
Codinome: "Mara"

Todos membros do Partido Comunista do Brasil.

Um esclarecimento — Joaquim Celso Lima atuava como motorista do Partido e Maria Trindade habitava a casa da Lapa, segundo os jornais.

Alguns trechos publicados pelos jornais e depoimentos dos vizinhos podem dar uma idéia sobre o que aconteceu durante a operação:

"(. . .) Foram vinte minutos de verdadeiro pânico entre os moradores do quarteirão (. . .)"

"(. . .) Duas vozes de comando e o "cantar" dos pneus das viaturas disfarçadas (. . .)"

"(. . .) Os estrondos dos disparos de uma poderosa carabina 12 mm; as ininterruptas rajadas de metralhadoras, os estampidos secos das eficientes Luggers 9mm, afastavam as pessoas e assustavam as crianças".

"(. . .) eram retirados da residência papéis diversos, livros, roupas e até uma velha espingarda Winchester, toda enferrujada."

(O Estado de São Paulo — 17/12/1976 — pag. 17)

"(. . .) Só tinha papéis, nunca vi tanta papelada em minha vida" (de um cinegrafista que tentava filmar à distância a ação policial, sem sucesso, porém).

(Folha de São Paulo — 17/12/1976)

"(. . .) Ao todo cerca de quarenta agentes do DOI participaram da invasão do 'Aparelho' comunista.

Dez deles haviam se prostrado numa construção, nos fundos da casa. . ."

(Revista Veja — Dezembro de 1976 — pag. 29)

"Sebastião Dias Chaves, mestre de obras da casa invadida pelos agentes, um dos seis trabalhadores que ficaram trancafiados no quartinho de despejo da obra, disse: 'Não vi nada, só ouvi o barulho!', o pedreiro de mãos calosas e marcadas pelo cal, roupa suja de reboque, vai contando o que viu: 'Primeiro, um barulho que pareceu uma rajada de metralhadora; depois outras rajadas, mais outra e outra ainda', entre o picotar das balas, ouviu três vezes um barulho forte e surdo que definiu assim: 'Uma bomba de canhão que fazia tudo tremer. O pedreiro ouvira os disparos da poderosa carabina calibre 12mm, seu barulho seco, duro, troara na casa que fazia fundos com a obra."

(Jornal da Tarde — 17/12/1976 — pag. 34)

"Duas empregadas domésticas das casas do outro lado da rua movimentada viram parte do tiroteio. Rita da Glória, da casa 764, contou mais tarde que os tiros começaram exatamente às sete horas. 'Vi os homens atirando lá em frente. Eu estava dormindo e acordei sobressaltada. Tinha muitos, não sei se estavam fardados ou não. De lá me fizeram com a mão para ir para dentro. Obedeci. Depois não vi mais nada."

"A empregada da casa ao lado, Margarida Rodrigues, disse que viu toda a cena a partir do momento em que começou a fuzilaria. Eram disparos feitos sem parar: 'Foi uma barulheira, que pensei que fossem latas que tinham caído. Vi três homens

com metralhadoras em frente, acho que deveria ter três ao lado dos outros. Não deu para ver direito. Atiravam na porta, sabe? Eles se protegiam no muro. De dentro da casa não ouvi sequer um tiro de revide, mas o barulho era tanto que isso não posso afirmar direito. Fiquei tremendo o dia inteirinho.'"

(Folha de São Paulo — 17/12/1976 — pag. 8)

* * *

O inquérito correria por São Paulo, pela Secretaria de Segurança Pública, tendo como Secretário na época o Coronel Erasmo Dias, sob a coordenação do delegado Fleury e o diretor do IML (Instituto Médico Legal) o Dr. Harry Shibata, todos célebres na repressão em São Paulo. Na guia de encaminhamento do corpo de Pedro Pomar ao cemitério Dom Bosco, a certidão assinada pelo Dr. Emílio Marcondes Monteiro, o médico legista Dr. José Gonçalves Dias deu como causa-mortis: Anemia Aguda. Doc. n.º 6711/76 — 18/12/1976 daquele instituto e fotocopiada na obra "Pedro Pomar" (editora Brasil Debates — 1980).

Harry Shibata, diretor da Divisão de Perícias Médico-Legais, chegou à casa que servira de palco aos acontecimentos um pouco antes das onze horas; entrou pela lateral e saiu pela frente. Depois de quinze minutos, os corpos dos chacinados foram carregados em dois gavetões de zinco; partiram numa Kombi sem placas, em alta velocidade. Pomar e Arroyo foram enterrados como indigentes no Cemitério Dom Bosco, em Perus, só descobertos três anos depois. Os fotógrafos do Instituto de Polícia Técnica, continuavam o trabalho no interior do n.º 767 da Rua Pio XI. O Delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury retirou-se da cena por volta do meio-dia.

O governador Paulo Egídio Martins foi procurado no palácio pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evarïsto Arns, porém, segundo relato dos jornais, o encontro deu-se na Igreja Pedro e Paulo no Morumbi, durante uma cerimônia de casamento. O governador garantiu que iria "tomar providências".

Recentemente o jornalista Wladimir Herzog fora torturado nas dependências do DOI, uma represália dos "bolsões sinceros", porém radicais, na "língua Geisel", contra o governador. Contam, também, que a operação fora desencadeada na ausência do general Dilermando, o comandante do II Exército estaria de férias em Mato Grosso. Eles "brigavam"; o outro lado entrava com a vida, com o sangue. Discutiam métodos.

As verdadeiras razões da chacina ficarão para o futuro, numa manhã de liberdade; apesar da *queima de arquivos*, um dia saberemos as razões e os motivos de tudo. Até o jornalista Carlos Castelo Branco, tido como um dos mais bem informados do país, em entrevista, dissera: "Na semana passada estouraram um 'aparelho'. Não sei se era necessário matar aquela gente. O episódio Pedro Pomar pode ser ou não uma demonstração partida desse poder paralelo", respondia sobre a possibilidade de um poder paramilitar instalado nos porões do regime.

"Aqui chegam com um caixão de metal
onde ocultam
o que fizeram de um homem;
um homem
que não quis submeter-se,
que combatia por uma vida melhor
na grande batalha das classes"

Bertold Brecht

* * *

A Chacina da Lapa ocorreu dentro do governo Geisel. As "vítimas da abertura", segundo o jornalista Bernardo Kucinski, também atingido com uma tragédia familiar: sua irmã Ana Rosa Kucinski e o cunhado Wilson Silva desapareceram sem deixar rastros, em 1974; seus nomes incluídos nas listas de pessoas "desaparecidas" pelo regime.

No livro "Desaparecidos Políticos" de Reinaldo Cabral e Ronaldo Lapa, dois depoimentos comovedores: Hélio Silva, historiador respeitado: "A mulher é viúva de um marido que pode estar vivo. O filho é filho e órfão de um pai que pode estar vivo". Era a primeira vez na História do Brasil que não se entregavam os corpos dos vencidos. O Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, diz: "Muita angústia, muita lágrima, também muita fé e solidariedade. Afinal, uma tragédia que eu não encontrara nem nos livros de História da Antigüidade". Falavam dos desaparecidos. Quanto aos assassinados pela Repressão, um balanço macabro:

Governo Castelo Branco	(1964/1967) =	13
Governo Costa e Silva	(1967/1969) = (c/Junta Militar de 60 dias)	28
Governo Médici	(1969/1974) =	119
Governo Geisel	(1974/1979) =	19
TOTAL DE ASSASSINATOS:		179

Quinze anos (1964-1979); dos 179 assassinatos, 119 no governo Médici. Se juntarmos os mortos da Guerrilha do Araguaia (1972/1974), nos governos Médici-Geisel — 45 entre mortos e desaparecidos — assassinatos políticos beiram trezentos — isso sem falar nos "desaparecidos", cuja lista, como a dos assassinatos, é incompleta. "(. . .) Aquela

Guerrilha de Xambioá acabou antes que a população tomasse conhecimento de sua existência. Era preciso esconder as operações contra os guerrilheiros para que elas tivessem sucesso". Era Médici, em Maio de 1984, na revista "Veja" n.º 819, falando sobre a Guerrilha do Araguaia, quebrando o silêncio de muitos anos.

"Segredo é para quatro paredes (. . .)" da canção de Lupicínio Rodrigues

— Não é bororó! É bororo!

Era o padre José Vicente César, meu amigo, ensinando-me sobre as tribos indígenas. Homem respeitado pela Igreja como antropólogo.

O meu amigo padre era mineiro, erudito e vaidoso. Conheci-o por acaso quando descobri que perto de minha casa havia um seminário onde poderia ir nos fins de semana levar as crianças, soltá-las nos gramados do ex-seminário quase abandonado por falta de vocações. Numa das dependências daquele imenso palácio, uma quilométrica biblioteca sobre os nossos índios e um museu de antropologia que o sacerdote cuidava como jóias preciosas.

Pela vaidade de mostrar-se depois de ter eu penetrado no seu santuário, começou a atrair-me para o seu mundo indígena. Os índios eram para mim uma coisa exótica até então.

Na biblioteca havia livros que pareciam verdadeiras listas telefônicas sobre os bororos, nhanbiquaras, xavantes, tupis. Na realidade eu não sabia ser possível os padres dedicarem suas existências àquilo.

O padre divertia-se comigo, pela minha ignorância; dava-me alguns desenhos para fazer enquanto catalogava al-

guns objetos do museu. Uma ossada de baleia, um vidro contendo água do rio Jordão, pergaminhos, cocares, flechas, coisas interessantes que eu nunca havia visto de perto. Era, ainda, responsável por um índio que morava no seminário.

O inesperado era comigo mesmo: qualquer lugar que eu fosse sempre encontrava alguma coisa relacionada ao Partido. Por incrível que pareça, até mesmo dentro daquelas paredes, tal fato aconteceria.

O meu amigo sacerdote, digo amigo porque sentia que gostava muito de mim, convidou-me para assistir a uma sessão de slides sobre as viagens que ele, como antropólogo, havia feito às tribos do Brasil Central. Comecei a interessar-me. Eram slides com o general Costa Cavalcanti (Ministro do Interior), "militar-protestante", segundo dizia o padre. Slides com o presidente da Funai, general Oscar Gerônimo Bandeira de Mello; a visita da Cruz Vermelha Internacional que chegava para ver, inspecionar, as denúncias de genocídio feitas no exterior. O capitalismo no campo, estimulado pelos incentivos fiscais. A dizimação em massa das tribos para a entrada das agropecuárias multinacionais. Comecei a sentir que o padre ajudava o governo, dando seu parecer e mostrando à missão da Cruz Vermelha que estava ocorrendo etnocídio e não genocídio — uma forma eufêmica de mascarar o massacre.

Num encontro com Pomar contei o que tinha visto; orientou-me para que tivesse cautela com o padre, escutando mais do que falando, procurando saber a serviço de quem ele estava realmente. Conversava com o padre e ele não abria o jogo; somente confidências teológicas e eu ainda sem sentir a sua posição.

O padre disse-me que seus estudos antropológicos colidiam com a teologia. Contou-me que tivera uma crise nervosa por isso; ciência ou fé? Como conciliaria? Na últi-

ma semana, ao dar extrema-unção para a freira de um colégio, ficara chocado, pois a religiosa morrera segurando suas mãos e perguntando se iria realmente para o céu ou inferno! O inferno mesmo estava na cabeça do padre. Já tarde da noite, quando eu estava me retirando, veio a confidência:

— Sabe que estourou uma guerrilha no sul do Pará?

Pomar pouco falava a respeito. Eu sabia das regras de segurança; elas eram severas.

Ele não concordava com a forma de luta, assim eu sentia pela sua reação, alguma coisa no ar. Fiz, na época, um poema sobre os guerrilheiros, onde falava do verde amazônico da nossa bandeira e mais uma porção de tolices; o comentário de Pomar foi apenas: "Como és romântico, mestre!" Senti uma ponta de tristeza em suas palavras.

O padre continuava:

— Um dos nossos missionários foi retirado de uma aldeia, um trabalho de anos, o exército está prendendo todo mundo na área! O padre começava a dar informações, mais por vaidade do que por outro motivo qualquer: sentia-se "importante" perto de "um ignorante", como me chamava de forma carinhosa.

Depois de alguns meses o sacerdote mudou-se para Brasília com biblioteca e museu. Canal fechado. Começo o contato com cartas; trocando cartões postais contendo informações sobre os índios. Agora, Pomar, interessado nas informações do padre, pede-me para enviar um documento-denúncia sobre o genocídio, dando "nomes aos bois", denunciando que praticavam o crime. Sem suspeita ou talvez não, escreve-me contando de um documento apócrifo, mas as informações chegavam; "foi visto por um missionário, um caminhão frigorífico de uma agropecuária, encrencado em uma estrada, que continha uma carga terrificante: soldados,

recrutas do exército, congelados"; eram as baixas do regime. Os soldados eram dados como desertores; uma justificativa dada aos familiares.

Finalmente, a correspondência terminara, quando o padre foi substituído por padres ligados à Pastoral da Terra. Com Dom Tomaz Balduíno na presidência do CIMI*, o padre antropólogo fora destituído da presidência ao tentar sugerir que o CIMI devia ficar ligado a um órgão junto à Presidência da República; os padres progressistas o fizeram "descer do bonde". No período de José Vicente como presidente foi aprovado o Estatuto do Índio em 1973, no qual o silvícola virou um tutelado, uma criança. O padre escreveu-me dizendo que o governo não aceitara suas sugestões; ele era ligado ao deputado mineiro José Bonifácio e tinha algumas mulheres que se confessavam com ele, ligadas ao SNI. A verdadeira atividade do padre, um mistério até hoje. Está, ainda, em Brasília, num imenso prédio, no qual hospeda e aluga dependências para o pessoal da embaixada alemã. Certa vez mostrou-me o livro "Os Protocolos e Atas dos sábios do Sion"? O velho e surrado livro anti-semita.

---

* CIMI — Conselho Indigenista Missionário.

Dois depoimentos importantes depois da Chacina da Lapa: o primeiro de João Amazonas ao jornal "Movimento" de 13/08/79, pag. 12, sobre documentos internos do Partido divulgados por Wladimir Pomar, filho de Pomar, uma das causas de sua expulsão da organização. Dentre os documentos, o mais importante ficaria conhecido como "Testamento de Pomar" ou "Intervenção no debate sobre o Araguaia". Sobre tal documento, que pede uma auto-crítica corajosa do Partido sobre a luta guerrilheira, não tirando o heroísmo da juventude e o sacrifício pelo sangue derramado, o Secretário-Geral do PC do B, o sr. João Amazonas diz: "Não se pode dizer que esse documento seria a posição definitiva de Pomar e seria injusto polemizar com ele estando morto". O documento foi uma posição de longa reflexão. Pomar, quando se manifestou sobre qualquer assunto (a Guerrilha do Araguaia foi a luta armada das mais marcantes de resistência à ditadura) jamais dele se ouviu análises superficais ou irrealistas. Tanto que, em 1973, quando não se pensava em abertura do regime ele disse: "Logo os militares estarão chamando de volta figuras 'revolucionárias' para manobrarem na crise que se aproxima". O segundo depoimento iria levantar o "desaparecimento" ou "morte" de um militante no dia da chacina. Era Diógenes Arruda Câmara que chegava, depois de

longo exílio onde se submetera a operações devido às torturas. O personagem de Jorge Amado do "Subterrâneos da Liberdade", o Victor, revolucionário que tão cedo não terá julgamento honesto. Arruda figura lendária: dos mais valentes revolucionários para uns. Ríspido, autoritário, sectário para outros, conservava o bigode à la Zapata, a calvície acentuada agora, os poucos cabelos nevados. Arruda respeitado pela sua coragem em desafiar as ditaduras. Como Marighella, desafiara o regime de Vargas em 1937, reconstruindo o Partido no Estado Novo em São Paulo, como dizia Jorge Amado, "um nortista sem roupas para o frio de São Paulo". Arruda criara ressentimento por ser considerado o "Stalin Brasileiro". Gregorio Bezerra reclamara dele em suas memórias. Era um homem rude, áspero. O produto e resultado de duas ditaduras cruentas. Não se podia dizer nada quanto à sua coragem, seu comportamento, diante dos seus verdugos. Arruda, barbaramente torturado pela ditatura getuliana, daria seu relato sobre as sevícias que sofrera na página 227 da obra "Brasil Nunca Mais".

Após as homenagens à sua chegada, Arruda morre de emoção ao lado de José Duarte, durante o trajeto do carro que o conduzia pela Avenida 23 de Maio em São Paulo, próximo à Rua Tutóia, onde estava o centro da Repressão em São Paulo. Chegara com a anistia. Numa entrevista à "Folha de São Paulo" levantou um problema rompendo o silêncio do Partido sobre a Chacina da Lapa. Vejamos o trecho da entrevista: "Voltemos ao seu Partido — em 1976 a queda de um local onde se reuniam dirigentes do PC do B, no bairro da Lapa em São Paulo, determinou a morte de Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e João Batista Drummond, todos membros do Comitê Central. Vocês já se recuperaram desse golpe?", ao que Arruda responde: "Em verdade o Partido Comunista do Brasil nunca deixou de existir orga-

nicamente dentro do país. Nosso partido, devido a sua justa política, foi uma organização partidária que durante 15 anos não foi destruída pela ditadura e órgãos repressivos. O golpe de 1976 foi grande. Pedro Pomar, ex-deputado por São Paulo era conhecido no país inteiro. Quatro membros do Comitê Central foram presos. *UM DELES ESTÁ DESAPARECIDO. CERTAMENTE FOI MORTO* *. Mas rapidamente o Partido se recuperou deste golpe".

Quem desapareceu? Quem estaria *certamente* morto?

Quatro membros foram presos: Aldo Arantes, Haroldo Lima, Wladimir Pomar e Elza Monerat. Os outros presos: Joaquim Celso Lima e Maria Trindade não eram do Comitê Central. Quem sobrou então? José Novaes e Jover Telles.

O jornal EM TEMPO, N.º 88 — de 1 a 7 de novembro de 1979 "(. . .) Jover Telles, um dos 'históricos do PCB e que depois de uma passagem pelo PCBR se incorpora em 1967 ao PC do B, desaparece no mesmo 16 de Dezembro. Ele tinha o hábito de deixar os aparelhos pela manhã cedo, o que parece ter ocorrido pouco antes do ataque da polícia. O curioso, no entanto, é que seu nome não aparece nos informes da polícia, nem nos do PC do B". "(. . .) A hipótese de que Jover tivesse escapado vivo ao cerco da polícia, menos provável, ainda, o seu "reaparecimento", como de outros clandestinos já se teria produzido ou, pelo menos anunciado. A partir desses elementos não é surpreendente que dentro do PC do B muitos militantes se interroguem até hoje sobre o inexplicável silêncio da direção a respeito". Soube-se que Jover estaria num outro Estado. Por que o Partido não o reclamou entre os mortos e presos? Uma questão que nos leva a crer que a Chacina da Lapa está mal elucidada. Algo

---

* Grifo do autor.

de podre no reino da Dinamarca? Por isso sempre existirão Cabos Anselmos! A Guerrilha do Araguaia eclodira antes do tempo previsto, segundo se soube por delação de um(a) jovem, tirado do local por uma enfermidade, que inafortunadamente contara aos pais e a outras pessoas. Outra hipótese na época: documentos apreendidos pela Repressão com militantes assassinados. A Repressão também plantara notícias: o que levara os agentes à area foi uma perseguição a alguns "*terroristas*", já "*queimados*" nos centros urbanos; no encalço, "por coincidência", encontraram outros guerrilheiros, "os paulistas", como chamavam a população do Araguaia. A guerrilha fora golpeada antes de ter sustentação, presume-se que houve alguma delação. Alguém teria negociado com a Repressão a "queda" da Lapa? Este mesmo agente infiltrado não teria dado as informações sobre a guerrilha? Seria "a cooperação da população" da qual falara o general Dilermando Gomes Monteiro?

Vejamos, por exemplo, Cabo Anselmo. Muito conhecido como agente, continuava nos meios revolucionários, seria um agente da CIA antes do golpe de 64? Abreviara o golpe já combinado para derrubar o governo Goulart? Teria dado o sinal da partida para o general Mourão? — estavam "todos em casa". Maria do Carmo, dirigente do VPR em 1970 disse: ". . . chegou ao Chile Diógenes de Arruda Câmara, do PC do B, afirmando ter visto o Anselmo no DOPS, 'rastejando aos pés do delegado Fleury" (no ano de 1972 quando o dirigente estava no Chile). Recentemente na revista "Veja" de 28/03/1984, no mesmo número da entrevista de Maria do Carmo, o Cabo Anselmo declara ter provocado a morte de "Uns cem, duzentos (. . .)". A Repressão reaparecia com o Cabo Anselmo. Cinicamente, ele contava também a morte de sua companheira, exterminada barbaramente, grávida de sete meses.

Os agentes sempre existirão, a Repressão sempre tem a seu dispor estes tipos. Havia um velho policial-agente, conhecido no passado como "Professor Apolônio", sempre convocado para interrogar militantes.

O estrago desses degenerados é irreparável. Jover Telles foi expulso do PC do B depois de enviar um documento sobre a Lapa que ficou trancado a sete chaves.

O Partido Comunista do Brasil chega aos anos sessenta, com uma longa história de lutas internas. Com a possibilidade de legalização (seria a segunda) mudou de nome: Partido Comunista Brasileiro. Velhos militantes como Maurício Grabois, João Amazonas, Pedro Pomar, José Duarte, reorganizariam o velho Partido, em fevereiro de 1962, expulsos por Prestes; *manteriam o nome*. Os jornais seriam diferentes: "A Classe Operária", para o PC do B e "Voz Operária", para o PCB que ficou conhecido como "Partidão".

A divisão ou reorganização, como chamam os do PC do B, originou-se depois do XX Congresso do PC Soviético. Com os soviéticos o "Partidão", com os chineses e albaneses o pessoal do PC do B.

No Comitê Distrital do Tatuapé, onde Pomar chegara para aguardar a expulsão, o ambiente já estava começando a ficar "quente". A rapaziada estava começando a ir para países socialistas a fim de completar seus estudos. Alguns para a Universidade Patrice Lumumba, outros para países como a Tchecoslováquia, onde poderiam se especializar na indústria mecânica. Os jovens voltariam com uma profissão na mão, com o que podiam sobreviver; além disso o contato com países avançados daria uma condição de pessoal mais experiente, e mais ainda, uma vanguarda operária. Para isso, velhos militantes corriam listas, rifas, angariavam até roupas. Os jovens teriam que enfrentar o frio desses países.

A divisão criou um problema na família de Antonio Olímpio Maria membro da distrital. Olímpio era um homem gentil que, apesar do pouco preparo, falava muito bem. Era estimado por todos no bairro, inclusive pela burguesia local, formada de comerciantes e industriais. Seu comportamento era simples, não odiava pessoa alguma, era um pregador espírita além de comunista. Sua família era constituída por sua companheira Dona Rosa, mulher corajosa, e um filho de nome Gilberto; este era do Partido e estava estudando em Praga, cursando os últimos anos. Quando da divisão, um acordo tácito entre pai e filho: não discutiriam problemas partidários — o jovem ficara com o PC do B, o pai com o Partidão, no qual se identificou melhor.

Numa das viagens ao exterior, a mando do Partido, Pomar visita Gilberto em Praga e o faz saber que o Partido estava recrutando voluntários para uma guerrilha rural. Gilberto regressa, casa-se com Vitória Grabois, filha de Maurício Grabois do PC do B, tem um filho com Vitória, de nome Igor, e depois parte para a guerrilha.

Desencadeia-se um drama para o velho Olímpio: Pomar teria "roubado" seu filho, que se casara com uma moça, filha de um dos principais dirigentes do PC do B. Contudo, o drama maior começaria: Gilberto "desapareceria"; um silêncio mortal se abre sobre a família de Olímpio, a guerrilha perde o contato com o Partido, as campanhas do exército golpeavam mortalmente a luta no Araguaia. O velho Olímpio esperou pela anistia e o filho não voltou. Desanimado, Olímpio larga o Partido, dedicando-se integralmente ao espiritismo; morreria numa "sessão" ao dar um "passe" em uma menina. O bairro sentiria a falta daquele homem cheio de frases de Marx, Lenin, Alan Kardec, Chico Xavier, André Luiz. Olímpio não deixava ninguém na estrada: para o Partido ou para o Centro Espírita. Alguns meses após sua morte o jornal "O Estado de São Paulo" trouxe uma repor-

tagem. Uma informação de um oficial do exército que atuara na repressão à guerrilha, o qual pedia para não ser identificado, juntamente com uma foto que se dizia ser de Gilberto, André Grabois (cunhado de Gilberto) e Maurício Grabois (seu sogro), todos mortos. Vitória Grabois perdera na guerrilha o companheiro, o pai e o irmão de uma só vez. Muitas hipóteses surgiram para se saber o porquê do aparecimento dessa informação através da Repressão. Os corpos dos guerrilheiros estavam intatos. Seria uma forma de mostrar que não foram decapitados com os outros seus companheiros? Mas Vitória nunca conseguiu trazer os restos mortais de seus familiares. Ela, como muitos outros familiares que foram ao local onde se desenvolveu a guerrilha, nada conseguiu além de uma missa feita pelos padres da Pastoral da Terra que trabalham na área. Nenhuma informação da população local, vítima também da repressão feroz dos que combateram a guerrilha. Era a "guerra suja" da qual falara o senador Jarbas Passarinho, colega de Pomar nos bancos de escola em Belém do Pará; um enigma a morte e as circunstâncias do desaparecimento de Gilberto; apenas mais um quadro da Ditadura.

Acompanhei de perto o drama da família de Gilberto. Em 1964, Olímpio trabalhava como vendedor na Getê, uma firma de produtos de limpeza, tendo sido despedido sem os direitos trabalhistas. Era comunista. Olímpio ficou desempregado e veio trabalhar na minha firma. Aproveitei seu talento natural, para obter empréstimos para a empresa que falia. Lutou comigo até o final; fiquei lhe devendo favores que nunca pude pagar, pois chegou até mesmo a ter uma crise nervosa dentro de uma financeira em São Paulo, pressionado, apertado e massacrado por banqueiros. Procurei durante nossa convivência conciliar o impossível, uma vez que eu era amigo das duas partes: Pomar e Olímpio. Pomar, preocupado com a sorte de Gilberto, mandava-me cumprir uma tarefa;

procurar Olímpio para saber notícias de Gilberto. No início havia um contato pelo Rio de Janeiro, pois a família Grabois era desta cidade; depois eu nada mais soube, uma vez que as notícias pararam de chegar. Fui procurá-lo, a pedido de Pomar, dezenas de vezes, para conversar com Olímpio; em seguida o silêncio total.

Com o advento da anistia, o pai, aflito me perguntava: "Nardo, meu filho volta?", ao que eu respondia: "Claro, ele voltará!" Infelizmente Gilberto não voltou.

Acompanhado por Carlinhos e Wladimir, ambos filhos de Pomar, fui visitar Olímpio um mês antes de sua morte. Ele estava todo de branco e D. Rosa, sua companheira, olhava-me por trás dos óculos; fomos todos juntos ao centro espírita que costumava freqüentar. Já sabiam da sorte do filho. Conversamos longamente e, como ele perguntasse por Catarina, informamos sobre seu falecimento. Emocionado, Olímpio disse: "Ela é nossa irmã, deve estar muito bem. Quanto a meu filho, já cumpriu a missão, também está bem!" Conformado, resignado dentro da tragédia, continuou: "Vocês precisam conhecer o meu netinho Igor, uma maravilha!"

Fiquei satisfeito pois eu tinha conseguido pelo menos diminuir ressentimentos, remover mágoas de tanto tempo; quando saímos ainda falou aos filhos de Pomar: "Vejam o que aconteceu com o pai de vocês!"

Wladimir não o conhecia, ficou surpreendido com sua calma. Falei ao Vladimir: "Você não viu esse homem no passado!"

Era um pregador nato. O Partido perdia com o velho Olímpio uma de suas figuras mais pitorescas, um resultado de sua época.

Tive poucos contatos com Gilberto. A princípio pareceu-me um "durão", impressão essa que me ficou de certa vez em que ambos nos encontramos casualmente na barbearia do Joaquim, barbeiro do bairro, e Gilberto foi ríspido comigo por ser eu um janista.

Acostumado que estava ao tratamento que me dava Pomar, sempre me chocava ser tratado rispidamnte pela esquerda, que só via em mim um pequeno burguês, em outras épocas, capitalista. Devo lembrar que Pomar era um homem culto, educado, nunca sectário, conforme dizia o próprio Carlos Drumond de Andrade, em uma crônica na qual se refere a meu amigo.

Quando Gilberto estava na clandestinidade, pedi para seu pai promover um contato nosso, pois tive a necessidade de sentir, conhecer mais profundamente o que era um revolucionário profissional. Nesse encontro contei ao rapaz sobre minha falta de coragem de entrar na luta, sentia como covardia. Ele respondeu-me:

— Nunca se sabe quem é corajoso. Coragem é uma questão, às vezes, de momento. Tem muito corajoso que na hora H, dá para trás!

Conversamos muito e acabei lhe contando que fazia psicanálise. Vitória, sua companheira, não me levou a sério e, brincando, perguntou-me se eu estava pintando vasinhos de cerâmica. Gilberto, contudo, não era, como eu pensava, um auto-suficiente, o que percebi pela resposta que me deu:

— Olha, eu acho que a gente tem que sair do ego individual para o ego social, diluir-se no social; somente dessa forma a gente perde o medo, integra-se num todo.

Foi ventilado o problema de seu pai com Pomar. Ele pediu-me paciência, alegou que Olímpio não tinha muito preparo, esperava muito do filho, sentia-o como coisa sua.

Aproveitei a ocasião para tocar num assunto desagradável: quando o rapaz saíra do país para estudar, formou-se uma rede de intrigas pelo pessoal do próprio Partido que já começava a divergir, cochichando que meu velho amigo revolucionário por ocasião de sua viagem, não havia feito o acerto de contas financeiro com o Partido. Comentei que, na época, eu havia me referido ao caso para Pomar, este ficara irritado e dissera: "Fala para essa gente vir almoçar em minha casa, ver o que eu como, de que modo passa a minha família!" Gilberto disse-me com firmeza: "Claro que acertou as contas! Deixe isso para lá! O velho ficou magoado! Esse pessoal fica fazendo intrigas!"

O filho de Olímpio não tinha um rosto comum. Muitos ainda acreditam que ele não tenha morrido. Raquel, a nora de Pomar, disse-me que Gilberto fora visto no Rio de Janeiro; um chofer, no Tatuapé, disse-me que aquele fora visto empurrando um jipe, numa estrada em Mato Grosso.

"Fui até o campo com grandes propósitos, mas lá encontrei só ervas e árvores"
Álvaro de Campos

"A Guerrilha do Araguaia viveu a sua fase de combates entre abril de 1972 e o começo de 1974, na região de Xambioá, na divisa entre o Pará e Goiás. Envolveu sessenta e nove guerrilheiros que desembarcaram no final de 1967, recrutados pelo Partido Comunista do Brasil, enfrentando vinte mil militares. As famílias dos guerrilheiros afirmam que houve entre eles cinqüenta e nove mortos (no mesmo número da revista Veja em que Médici quebrava o silêncio de dez anos).

Na guerrilha urbana, os guerrilheiros partiam para ações espetaculares enquanto o povão estava ligado nos jogos da Copa do Mundo de 1970. No caso da guerrilha do Araguaia, um exemplo de luta (o pequeno número de combatentes, defrontando-se com tropas de milhares de soldados, pelo tempo e resistência, "os vencidos" tinham derrotado "os vencedores"); temos, na mesma época, o deslocamento da população pobre da região se encaminhando para a Serra Pelada; seria a segunda "zebra" histórica. Na Serra, as "formiguinhas", legiões de homens sem terra, ficariam confinados num imenso "quartel", por um agente-deputado, que ajudara golpear a guerrilha com seus dedos-duros e mateiros. O garimpo de Serra Pelada fiscalizado e

policiado pela Polícia Federal; as "formiguinhas" precisavam ouvir o Hino Nacional e o hasteamento da bandeira todas as manhãs. O Araguaia é, hoje, região repleta de espiões, agentes, pequenos posseiros contemplados com lotes pelo governo. Região de grandes latifundiários, tensa, com conflitos sangrentos entre os grandes proprietários e os camponeses sem terra. A guerrilha trouxe o "progresso" para a região: quartéis, estradas construídas em tempo recorde, aeroportos construídos em plena selva amazônica. Mesmo com o enriquecimento dos "bamburrados" e seus associados, a situação permanece tensa — nem a Getat consegue diminuir o conflito — distribuindo lotes ou considerando a região como sendo "segurança nacional".

O deputado-agente Sebastião Curió controla a região como um vice-rei: a "grande sesmaria" do ex-parlamentar.

* * *

A Guerrilha do Araguaia está na História como Canudos, os guerrilheiros foram decapitados como o bando de Lampião; na época a forma de luta contra a miséria e o grande latifúndio (para as classes dominantes os cangaceiros eram "bandidos" e os guerrilheiros "terroristas"). Os guerrilheiros teriam descido num outro planeta? Para desencadear uma espécie de "foquismo" disfarçado? Uma tese que o Partido que os recrutava tanto combatera! Apesar dos erros e da derrota, essa história de sangue deixou exemplos dignificantes até mesmo para o lado dos repressores: um oficial do exército chegou a fazer um discurso sobre o cadáver de um guerrilheiro dizendo à sua tropa que os "terroristas" sabiam lutar, deviam servir de exemplo para suas tropas.

Ângelo Arroyo, terminada a luta, com as estradas cercadas por barreiras, furou um cerco de aço para chegar

a São Paulo, trazer o seu histórico relatório *, e tempos depois, morrer ao lado de seu companheiro Pomar. Conta-se que Arroyo chegou em estado lastimável de saúde, demorando semanas para reabilitar-se.

O guerrilheiro Oswaldão, Oswaldo Orlando da Costa, o "Comandante Negro", um herói para a população do Araguaia, foi amarrado no esqui do helicóptero da companhia americana Steel Co. que fazia prospecções na Serra dos Carajás. A empresa também ajudava a Repressão. Morto, crivado de balas, seu corpo foi levado para que servisse de exemplo à população e para que acreditassem em sua morte. Oswaldão estava se tornando lenda. Diziam que ele chamava o vento na noite, que sua voz assustava os soldados inimigos dentro da mata. Os plantadores de castanhas, os seringueiros, afirmavam que aquela figura amiga comparecia às festas afro-indígenas, levava e atendia os doentes nos locais mais longínquos da floresta, era a Boiúna que se transformava em homem depois da chegada das águas; aparecia logo depois do arco-íris. Um mito protetor dos posseiros pobres, um mito amazônico ressuscitado; seu corpo, mesmo amarrado ao pássaro de fogo, no inseto repressor usado no Vietnã, habitaria para sempre a floresta, traria a desgraça para os inimigos daquele povo sem terra, acreditavam os posseiros.

Histórias ficariam ali para sempre. A maldição para aqueles que delataram os guerrilheiros como: ** Dina e Suely, mortas a golpes de baionetas. Não foi respeitada sequer a Lei de Genebra, que impõe o atendimento aos prisioneiros. Sob as copas das árvores, os corpos dos guerrilheiros decapitados, crivados de balas. A crueldade da "guerra suja",

---

* "Relatório Arroyo" como ficou conhecido nos meios revolucionários que debateram a Guerrilha do Araguaia.

** Dina: Dinalva da Conceição Monteiro Teixeira.
Suely: Suely Yomiko Kanayama.

as demonstrações de bestialidade, inclusive para a população pobre da região, toda ela sob suspeita de colaboração com a guerrilha, atingiram os limites da brutalidade e violência; os camponeses foram torturados em campos de concentração improvisados, as maquininhas de choque levadas para os locais de tortura; velhos, mulheres, a Repressão não poupou ninguém.

Pedro Pomar nasceu no Pará, na cidade de Óbidos, em 23 de Setembro de 1913. Filho de uma mulher que precisou arcar com a educação e sustento de três filhos: Pedro, Roman e Eduardo. Seu marido, Felipe Pomar, um pintor peruano, exilado aprista *, que chegara às margens do Amazonas. Depois de uma viagem aos Estados Unidos em 1918, separa-se de D. Rosa de Araújo, mãe de meu amigo, que contava, então, com cinco anos de idade. A vida desta mulher foi uma longa história de sacrifícios. O avô materno de Pomar era um subtenente transferido para o Batalhão de Artilharia; seu avô, o velho Araújo, e sua mãe eram do Maranhão. Esse avô teria uma influência muito grande sobre sua vida, principalmente nas questões morais e de comportamento; o velho dizia que sentia desde cedo a honestidade do neto e falava-lhe do sofrimento dos brasileiros internados nas matas, da vida sofrida dos seringueiros, dos camponeses sem terra. Tudo isso iria marcar o menino Pomar.

Saiu de Óbidos aos dez anos, para ir morar com pessoas amigas em Belém do Pará, onde inicia seus estudos no

---

* APRISTA — Adepto ou Militante do Aprismo — Partido de Haya Delatorre/Político Peruano. APRA — (Partido Internacional Revolucionário Anti-imperialista).

Instituto Nazaret, dos irmãos maristas; depois, no Gymnasio Paraense, hoje Ginásio Paes de Carvalho. Muito jovem consegue entrar para a Faculdade de Medicina em Belém, onde cursaria até o terceiro ano.

Em Dezembro de 1935 casa-se com Catarina Patrocínia Torres e, não tendo a aprovação da mãe da companheira, casam somente no civil; ele já era conhecido em Belém por suas atividades nos meios estudantis. O casal teve quatro filhos: Wladimir, Eduardo, Joram e Carlos. Pomar estava no cárcere quando nasceu seu primeiro filho.

Participou ativamente dos movimentos, das lutas do povo paraense. Em 1932, já era revolucionário ativo, estava nas trincheiras, atrás de barricadas, armado de fuzil. A cidade de Belém acordaria com uma bandeira vermelha colocada no alto do reservatório de água Paes de Carvalho; devido à altura, bombeiros foram chamados para removerem a bandeira com a inscrição: "Abaixo a pena de morte! Aliança Nacional Libertadora". Com inúmeras prisões no seu Estado não havia mais condições de ali permanecer — seguiria para o país a fora. Entre suas fugas mais espetaculares temos a da Cadeia São José, conhecida masmorra da cidade, onde teve a participação de sua companheira; conseguem fazer dormir toda a guarda, pois um médico na cidade, amigo de Pomar avia uma receita de plantas narcotizantes; ele e seu companheiro João Amazonas fogem do presídio fazendo uma das mais espetaculares fugas, por rios e cachoeiras, pelas estradas, em caminhões e jangadas improvisadas acionadas por varas. Conseguem, depois de quarenta e oito dias, chegar ao Rio de Janeiro. Pomar e Catarina passaram privações horríveis em Belém, cercados e acuados pela Polícia; chegaram a passar um mês sem alimentação sólida. Os jornais da época documentaram uma

de suas prisões: "Quando Pomar ou Wandick (codinome) se dispunha a sair, dois canos de revólveres sustentados por mãos vigorosas lhe são apontados ao peito. O jovem extremista sorri. Um sorriso expressivo que sintetiza o seu espírito algo misterioso. Como já sabemos, trata-se de Pedro Araújo Pomar. É ele sobejamente conhecido pelo seu espírito de rebeldia. Adepto do credo vermelho, fez-se dele verdadeiro apaixonado, sacrificando seus estudos e sua mocidade. Esteve por várias vezes preso nesta capital. Solto, desapareceu" (Publicado na "Folha do Norte" de 03/09/1940).

Por toda sua vida Pomar teve a seu lado sua companheira Catarina. Quando ele ficou na União Soviética por dois anos estudando; na clandestinidade e durante as prisões estiveram separados — ela aguardou a anistia nos anos quarenta para recompor a família; os filhos sofreram as separações, como os pais. Tudo isso faria com que respondessem como pessoas firmes e resolutas. Em 1942 Catarina deixa Belém num Ita, o navio cargueiro Itapé, durante a segunda guerra mundial. A viagem pela costa é feita às escuras, os submarinos alemães bombardeavam os navios brasileiros; era a marinha nazista. Encontrar-se-ia com o companheiro no Rio de Janeiro; a viagem lhe custa muitos sofrimentos, uma das crianças caíra de um beliche durante a escuridão, machucando-se gravemente. Pomar iniciaria, então, sua vida no Rio, trabalharia até como pintor de paredes no Cine Politeama, no largo do Machado.

Em 1945, com o término da guerra, começa a projetar-se nacionalmente; em 1943 destacara-se na Comissão Nacional Provisória, conhecida como "Conferência da Mantiqueira"; eleito com mais de cem mil votos como deputado federal sob a legenda do P.S.P., juntamente com Diógenes

Arruda Câmara e com o pintor Cândido Portinari. Teve uma atuação importante na Câmara, fez parte da Comissão de Cultura do Partïdo, convivendo com figuras da literatura, arte e arquitetura, praticamente com todas as mais proeminentes. Foi amigo de Graciliano Ramcs, Jorge Amado, Pancetti, Di Cavalcanti, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Carlos Drumond de Andrade, Oscar Niemeyer entre outros. Internacionalmente, uma grande amizade com o poeta chileno Pablo Neruda. Dos líderes mundiais, durante as viagens, outras duradouras como com Mao Tsé-Tung e Chu En Lai na China, Enver Hodja na Albânia, Fidel Castro e Che Guevara. Dirigiu os jornais e colaborou na "Tribuna Popular", "Imprensa Popular", "Notícias de Hoje", sendo redator do jornal do Partido — "A Classe Operária". Chefiou várias delegações ao exterior, no México, Polônia, China, Cuba e Romênia. Pomar conhecia o país inteiro, Estados e Territórios. Viajara pelo mundo inteiro, desenvolveu intensa atividade como revolucionário durante quarenta anos.

Esteve no PCB até 1962 sendo que depois reorganizou o Partido Comunista do Brasil. Conhecia a fundo a realidade brasileira, não aceitara a posição de Prestes, nem o desenvolvimento da teoria do "foquismo" — da guerrilha urbana. Foi um crítico da Guerrilha do Araguaia pela forma de luta desenvolvida, um "foquismo disfarçado"; era por uma luta dura e prolongada pois segundo suas palavras, não nos libertaríamos sem o sacrifício de gerações.

Morreria chacinado no episódio da Lapa em 16 de Dezembro de 1976, quando o Partido se reunira para debater e fazer um avaliação da luta no Araguaia. Deixou seu relatório que servirá para as futuras gerações. Seus ensinamentos, sua experiência, o levarão sem dúvida alguma a ser o "Sandino Brasileiro".

Pomar era alto, magro e calvo. Comia frugalmente, não fumava, não bebia, tinha uma postura e um andar inconfundíveis; calmo, corpo ereto. Vestia-se com roupas simples, sempre limpas e bem passadas, apesar de serem antigas. Podia-se observar que as roupas não eram dele, eram ajustadas, muitas vezes doadas por amigos ou simpatizantes. Usava óculos só para ler de perto.

Era afetuoso; sua humanidade transpirava nos seus olhos, nos seus modos, sua preocupação pelos que o rodeavam. Tinha um apreço especial pelas crianças, gravava seus nomes trazendo sempre uma recordação a elas, mesmo que fosse a mais simples. Em seu rosto expressivo podia-se ver com exatidão o que ele estava sentindo. Sorria muito, um bom humor permanente. Escutava muito e, quando interrompia, suas indagações eram de sabedoria. Era rigoroso nas questões de comportamento e moral, sua memória, privilegiada. Podia lembrar-se de acontecimentos e de pessoas nos tempos e lugares mais remotos. Não se colocava como personagem principal de nada, não perdoava a vaidade, achava que devíamos aprender pelos erros, pois nada melhor que a própria vida para mostrar os caminhos. Acreditava na recuperação de todos, desde o momento em que aceitamos a verdade. Era rigoroso na crítica e suave nas medidas. Com sua modéstia, sua simplicidade, nunca se achou dono da verdade. Não dirigia automóveis, andava a pé ou de ônibus, dispensando esquemas de segurança. Em seus gestos amáveis, sentia uma ternura muito grande pelas pessoas, uma grande compaixão pelos mais fracos. Dizia que tínhamos que aprender, não para nós, mas para os outros e que a grande sabedoria estava no povo, os grandes professores eram os pobres, dizia.

Pomar vivera e aproveitara utilmente o tempo de sua vida; tinha deixado a medicina segundo ele, quando percebeu que o problema do povo não era apenas de saúde,

mas político. Não tinha apego a nada de material; viveu pobremente, uma vida estóica, quase sempre na clandestinidade. Prevenira familiares que, no caso de sua morte por qualquer motivo, os mesmos deveriam deixar seu corpo em qualquer beira de estrada; temia que sua identificação, problemas de documentação, pudessem dar pistas à Repressão. Pregou a libertação do povo brasileiro por uma senda estreita e dura; não acreditava em soluções de conciliação com as classes dominantes — caminhávamos para uma luta vindoura com um aprendizado de sacrifícios e, talvez sangrento. No futuro não teria lugar para manobras, nos estertores do capitalismo a luta se aguçaria de forma violenta. Não haveria libertação sem caminhada dura e prolongada.

A biografia de um revolucionário não pode ficar presa dentro de um curriculum; entrou para a organização no ano tal, fez parte de tal e tal, morreu no dia tal. O revolucionário é aquilo de melhor que a natureza criou; passaram-se milhões de anos para que surgisse um Lenin, um Guevara, um Ho Chi Minh! Estes homens não perderiam dentro de si a ternura, como disse Che. Lenin era organizado, disciplinado, inteligência brilhante; Guevara, introspectivo, calado, mas suas ações mostravam o homem indignado, um profundo amor pela humanidade; o velho Ho Chi Minh, um poeta, asceta, um monge libertário. O lado humano de um revolucionário é mais importante que tudo. "Meu povo precisa de arroz como de poesia" — dizia Ho.

Pomar nunca quis aparecer, chamar a atenção sobre si. Sabia que o importante era a participação, a ajuda num processo; combatia o personalismo, a vaidade. Deixou frases, escritos que desapareceram durante a Repressão. Pouco se sabe sobre ele. Vamos sabendo coisas através dos outros, os que conviveram; uma coisa aqui, um acontecimento ali. Certo dia, num jantar de aniversário de uma sociedade amigos de bairro, no Tatuapé, sento-me ao lado de um industrial, sabendo-me amigo do velho revolucionário pergunta-me: "E o teu amigo?" Eles haviam sido vizinhos na rua Ibicaba, a

primeira casa de Pomar no Tatuapé. Pensei que o industrial estivesse especulando, respondi: "Mesmo que soubese, não falaria para o senhor". Felizmente não era o que eu pensava; ele me conta em voz baixa: "Ele salvou a vida de minha mãe: a velha estava doente, saiu de casa e colocou-se sob os trilhos da estrada de ferro — porém seu amigo estava atravessando os trilhos naquela hora, tirou a velha, salvou minha mãe"; ele só soubera muito tempo depois. Pomar sabia que eu tinha amizade com o industrial mas nunca dissera nada. Quanta coisa ficou encoberta pelo tempo. Uma ocasião o velho revolucionário me telefona, noite clandestina. Queria saber de minha saúde; falei que estava bem, tinha sentido apenas umas tonturas mas não era nada. De surpresa ele aparece; traz na maleta um aparelho com o qual mede minha pressão, depois sorri dizendo: "É impressão, não pressão!". Durante quase vinte anos, poucas vezes foi ríspido comigo. Uma vez soube que eu me recusava a trabalhar, estava em crise, de "saco cheio"; mandou Catarina procurar-me, dizendo que eu fosse fazer qualquer coisa, caso contrário ele não se encontraria mais comigo e mandaria buscar suas coisas. Ficou comigo um acervo de Pomar *: um panô que ele ganhou na Romênia, um rolo de seda que trouxe da China, uma espécie de pergaminho com poemas, o livro "Canto General" de Pablo Neruda, com dedicatória: "A Pomar, para toda nuestra gran família, fraternalmente, Pablo Neruda, Varsóvia, 1950"; alguns livros como Fausto e D. Quixote, outros de amigos como Clóvis Moura e Rolando Roque. Quanto ao panô, Pomar insistiu para que eu o vendesse e comprasse mantimentos para minha família, pois eu estava numa miséria desgraçada; resisti, passei o diabo — mantenho-o na parede da

---

* O autor, por ocasião do lançamento deste livro, doou o "Acervo Pomar" para o Arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP, tendo, inclusive, conseguido para o arquivo, depoimentos e pertences de outros revolucionários. *Nota do Editor.*

minha sala — é "Bandeira da Resistência", um porta-estandarte de sua memória.

Deixou também comentários a respeito de muitas figuras nacionais famosas. Lembro-me quando falava de Graciliavezes, pessimista, mas firme. Segundo meu amigo, um homem que morrera sem compreender o Partido. Graciliano tinha uma visão própria das coisas, não aceitava a disciplina férrea da organização, mas ali estava um grande homem, rude às vezes, pessimista, mas firme. segundo meu amigo, um homem honesto o Dr. Caio Prado Jr., mas tinha certas dificuldades de compreender o processo de luta, por problemas de sua origem de classe. Portinari era a seu ver um homem que justificava o apelido de Candinho. De Jorge Amado, que foi padrinho de seu filho Joram, fazia algumas restrições à sua sensualidade, mas o baiano era aquilo mesmo: "Um baiano sensual", dito pelo próprio Jorge. Na época em que houve a reorganização do Partido, Pomar ficara chateado com uma entrevista do escritor que tratara o pessoal do PC do B como "aventureiros". Contudo, o baiano mandaria uma carta profundamente humana a Wladimir no cárcere, na mais rigorosa e feroz repressão. Quando Jorge Amado esteve em São Paulo para autografar, na Livraria Teixeira, o livro "Tenda dos Milagres", quando ele entrava com sua companheira Zélia no restaurante Giovanni Bruno, abordei-o dizendo que era amigo de Pomar. A reação foi ótima; o escritor pediu para que Zélia entrasse no restaurante e caminhou comigo pois queria saber dele — senti que tinha um carinho, uma amizade grande por aquele homem de luta. Quando lhe telefonei e escrevi dizendo que tinha intenção de prestar meu testemunho através deste livro, mesmo não sendo do Partido, e sem ser escritor nem possuir curso ginasial completo, Jorge incentivou-me, correspondendo-se comigo, apesar de estar ocupado, num sufoco, escrevendo "Tocaia Grande".

Pomar deixou frases que eu não compreendia direito, pois na época não tinha alcance e nem experiência de vida suficientes. Em um de nossos encontros ele se mostrou magoado, até irritado, o que nele era raro — foi quando da assinatura dos contratos de risco no caso do petróleo, por Geisel; disse: "Isto é um novo 1964!"; quando do Ato Institucional n.º 5 (AI-5): "Decretaram nossa morte!! Estamos selados para morrer! Logo chegará nossa vez!" Quando me recriminava pela falta de coragem: "Para perder o medo, temos que deixar de ser egoísta, no fundo é o medo de morrer, de perder a pele, quando deixamos o egoísmo deixamos de sentir medo. O medo é o egoísmo feroz que habita dentro do homem". Pomar sorria, aquele sorriso bonito, sorria sem nos magoar. Quando eu dizia ter vergonha de minha covardia: "Isso é bom! Vergonha é um sentimento revolucionário!". Não é brincadeira perder um amigo, matarem um grande amigo nosso! A amizade, sentimento que hoje desaparece é um elo muito forte entre duas pessoas. E falando em amizade, dizia: "Como é bom ter amigos". Sabe o que é mais forte que o vento, mais resistente que o aço, mais valioso que o ouro?" — não respondi — fiquei procurando a resposta. Sorriu, apertou calorosamente minhas mãos e disse: "Amizade! Mestre! Amizade!"

Pomar gostava de algumas músicas como — "Pesadelo" e "Mordaça", especialmente a última, quando a letra diz: "o importante é que nossa emoção sobreviva", sorria, quando escutava o outro trecho: "o furor vem do interior". Apreciava Chico Buarque mas temia que a Repressão pudesse golpeá-lo. Gostava também de Paulo Cézar Pinheiro, João Bosco e Aldir Blanc. Ficara contente com a homenagem a João Cândido, o "Almirante Negro", na música "Mestre Sala dos Mares", o herói da Revolta da Chibata que morrera pobre no ano de 1969; a música foi uma rara homenagem ao grande herói do povo. O valoroso marinheiro apontara para

o Rio de Janeiro canhões dos poucos navios que a nossa marinha possuía naquela época; assim, o governo, em xeque mortal sob o fogo dos amotinados, abolira os castigos corporais na Marinha. João Cândido triunfara, abolindo a chibata no Brasil, conseguindo anistia para os revoltosos, termina cainda no golpe do governo, tendo sido aprisionado com seus companheiros e levado a uma ilha-prisão, foi enterrado vivo num fosso coberto de pedra e cal. O Almirante Negro sobrevivera por milagre, à epopéia do início do século. Em 1963, esse homem ainda estava na luta, velho e pobre; nas suas veias corria o sangue de Zumbi dos Palmares. Para sobreviver, o antigo marinheiro vendia calçados na feira — eis o destino de nossos heróis nacionais!

Frei Caneca era outra personagem histórica que meu amigo admirava. Considerava-o um grande revolucionário, homem que inspirava tanto respeito que, mesmo condenado à morte, os carrascos não tiveram coragem de enforcá-lo, optando pelo fuzilamento. Esse homem religioso estava sereno até mesmo no cárcere, onde dava aulas de geometria e cálculo a seus companheiros e escrevera também uma gramática da língua portuguesa. Quando vieram buscá-lo para a execução, dormia em sono profundo. Pomar tinha intenção de escrever a biografia do frade, tendo escrito um artigo a respeito, no jornal do Partido.

"Tirem-me daqui a metafísica!"
Álvaro de Campos

O tempo passava sem que se soubesse do destino dos restos mortais dos chacinados. Procurá-los nos trinta e dois cemitérios da cidade seria uma tarefa temerária; quando da tragédia, os corpos ficaram retidos no IML (Instituto Médico Legal) à espera de que os familiares fossem reclamá-los; ninguém foi, pois isso era, segundo os mais experimentados, "uma isca". O filho caçula de Pomar avisa-me que traria Catarina em minha casa para que passasse o dia comigo. Eu estava no escritório quando chegaram; um pequeno escritório, agora meu. Fechei as gavetas, guardei os papéis, decretei Feriado Nacional por conta própria. Catarina ainda se recuperava da doença. Em outubro de 1976, Pomar escrevera ao seu neto: "Querido. Calculo como ficastes triste ao teres sabido que Vó adoeceu e, por isso não conseguimos viajar para te abraçar pelo teu 10.º aniversário. Mas não perdes por esperar. Vó está se comportando com muita coragem diante do que lhe aconteceu. Suporta com paciência e dignidade a dor, o sofrimento e as saudades. Dificilmente podemos saber o que ela pensa de tudo, mas sentimos que ela continua firme, confiante que haverá de sobreviver a esta doença. Aliás, sua Vó sempre foi valente tanto para a dor física como para dor moral. Procura ser como ela. *Nada temas, procura conhecer a verdade, por mais*

dura e desagradável que ela seja. É a verdade a coisa mais importante e mais bela da vida", entre outras coisas.

Teria Catarina uma tarde inteira, poderíamos conversar, eu estava ávido para saber tanta coisa, de sua vida, de seu companheiro. Contei que na madrugada anterior à tragédia eu havia me sentido mal; ela contou-me que também tinha tido um sonho no qual vira uma metralhadora em uma janela.

Contei-lhe também que na clandestinidade, eu "sabia" quando Pomar ia se comunicar, sentia umas sensações quando chegava perto do dia em que ele apareceria em casa, telepatia, talvez; fomos conversando sobre coisas que tocam a gente, sem explicações. Catarina relatou-me coisas que a deixaram muito curiosa, enigmas da natureza humana. Certa vez Pomar lhe apresentara um casal; ela "viu" o casal morto num desastre aéreo, o fato que aconteceria depois, exatamente como "vira". Catarina também "sabia" quando a polícia chegaria para prender o companheiro. Formavam um casal que, apesar de toda vida sobressaltada, muito feliz, pois se amavam muito. Contou-me que em outra ocasião, no Rio Grande do Sul, ele chegara em casa e estava lendo calmamente um jornal quando ela lhe avisou: "Vai embora! A polícia vai chegar!". Para não contrariá-la, meu amigo saiu. Passados alguns minutos a polícia chegava realmente. Os relatos me impressionaram; afinal, eu não estava conversando com uma pessoa religiosa ou dada a coisas metafísicas. Outro fato se passara na época em que Pomar era deputado. Quando do nascimento do filho Joram, o único que "era filho do deputado", pois os outros eram "filhos do militante" — (Catarina teve esse filho na maternidade) — a polícia havia prendido e torturado um companheiro do Partido, chamado Joram — o jovem morrera. Quando ela chegou em casa, ao tirar a pulseirinha com o nome "Baby Torres" que identificava a criança no berçário, surge outro nome, um

espanto: Joram! o menino foi registrado com este nome, tendo como padrinhos o casal Jorge Amado.

Outro relato que me fez nesse dia quando ainda estava em recuperação da doença, uma noite sente u'a mão que lhe afaga os cabelos — estava semi-dormindo. De repente, aparecera, sentara ao seu lado, conversara com a companheira — era Pomar. Dizia não sentir tanto as dores dos ferimentos; havia se materializado sem ectoplasma. Segundo amigos espíritas que me explicaram a respeito de materialização, isto somente acontece com espíritos em grau de espiritualização superior, alguém que vivera despreendido de coisas materiais, com muita luz. Catarina não é mulher de mentiras! Como é que ficamos?

Catarina passou a tarde conversando comigo. Contou-me que Pomar visitou Oswald de Andrade até o fim de sua vida; o escritor, o homem que escarrara na cara da burguesia paulista em 1922 estava diabético, vítima de inflamações por todo corpo, havia perdido o cabelo. Era amigo também de Monteiro Lobato, tanto que, no enterro do criador de Emília, fizera um discurso sobre sua campa. De Jorge Amado, apesar de sua fama de sensual, Catarina contou-me que sempre a respeitara; "ele respeitava muito Pomar." No livro "Um chapéu para viagem", de Zélia, companheira de Jorge Amado, a família Pomar é retratada; Zélia afirma que se amavam muito, pais e filhos, e que Catarina esperara longo tempo para poder ficar com a família reunida.

Ainda me contou que "sabia" quando da "Macedada" em 1937, o ministro de Vargas, Macedo Soares, dera uma anistia, um pouco antes do Estado Novo; ela avisara o pessoal do Partido, da anistia que chegaria. Ainda brinquei: "E o pessoal que está no Barro Branco?" — ela respondeu-me: "Já mandei avisar que irão sair logo!" (sorria) — e saíram mesmo!

Ainda nesse encontro, Catarina falou-me sobre as cartas de Di Cavalcanti a Pomar que haviam sido queimadas por uma pessoa com medo da Repressão, uma simpatizante.

Quanta coisa se perdeu, ficou espalhada! Escrever a história dessa época, seria juntar os cacos que a Repressão deixara. Um pouco antes da chacina, Pomar pediu-me um casaco de frio para uma companheira, uma pessoa do Partido que iria seguir para o exterior. Eu tinha um, de vison, que recebera como pagamento de uma dívida — feito para uma senhora de posses — contudo, criara um problema: onde minha mulher iria com um vison? na feira? na quintanda? Fora útil afinal. Nessa mesma época, Pomar pediu-me que recebesse algumas cartas em meu nome, cartas essas de um companheiro que iria para o exterior e as mandaria em meu nome e com o sobrenome Greco. As cartas chegaram à minha vizinha (que as abriu) — desculpou-se entregando-as abertas, apesar de saber que eram para mim, pois tinha meu primeiro nome; tive sorte porque nelas nada havia que pudesse informar qualquer coisa importante. Pomar as abriu e leu tranqüilamente. Com essa mesma vizinha aconteceu mais um fato desagradável: Carlinhos deixou-me uma rifa para vender, cujo objetivo era ajudar os presos do Barro Branco — rifava-se um desenho original de Portinari. Esqueci-me de perguntar quando corria, pois a data estava em branco e quando vendi a rifa para a tal vizinha, falei: "corre sábado" — deu o número inteiro. A rifa não era para aquela data; mais uma vez eu me enroscava com as coisas por falta de atenção! Precisei inventar uma desculpa, dizendo que o rapaz que deixara as rifas para serem vendidas não havia voltado nem para receber o dinheiro dos números vendidos.

Voltando para metafísica, conheci também o caso de um antigo companheiro do Partido, o professor Souza, militante que estivera no exterior a serviço do Partido, era elo

de ligaçâo da organização com juízes, advogados, desembargadores, gente do judiciário no país. A mulher de Souza, em uma manhã, "sentira" que sua filha, uma criança na faixa de 10 a 12 anos, iria morrer de leucemia. Não conseguia desligar o pensamento e o professor pensou tratar-se de um esgotamento nervoso da esposa. A criança foi levada a um pediatra, feitos os exames hematológicos, nada constou, a menina estava em perfeitas condições de saúde. Passados seis meses, a criança morre. Causa-mortis "leucemia". O professor, desesperado, vai em busca da metafísica. Numa viagem a Minas Gerais, traz do médium Chico Xavier uma mensagem da menina com referências que somente eles sabiam. O espiritismo ganhava mais um adepto e seguidor.

O "sobrenatural" tocava a vanguarda revolucionária marxista-leninista. O materialismo dialético que derrubara e fulminara o pensamento idealista no século passado, precisaria de um estudo mais profundo? Lembrei quando lera na biografia de Lenin, que o escritor Máximo Gorki, querendo conversar com o revolucionário sobre a metafísica, este recusava-se, alegando que não perderia tempo com aquilo. A Revolução não poderia parar nos desvios, isso era coisa para depois. Pomar também não perdia tempo com a metafísica, o trem dos oprimidos não poderia parar na grande viagem. Meu amigo Antonio que fora do Partido, também andava ultimamente assistindo sessões de materialização, estudando formas de energia; até mesmo o Siqueira freqüentava umas "sessões", confidenciou-me; o Amos, um elemento do Partido, no passado, epilético, tinha se curado no mesmo Centro Espírita que Siqueira freqüentava.

É o Brasil-Tropical, mágico, surrealista, onde até os revolucionários eram tocados pelas manifestações. Fiquei imaginando o Partido no poder: as reuniões não se realizariam às quintas e sextas-feiras, dias de "Mesa-Branca" dos

"Kardecistas" e de "Terreiros" dos umbandistas, sendo impossível reunir os militantes nos dias de "trabalhos espirituais". Temos que aceitar as características de nossa realidade, respeitar a crença de todos, seria um comunismo à brasileira? Afinal, será que a ciência não vai explicar tudo que hoje é "fenômeno" ou "sobrenatural"? O importante é não criar dogmas criticando outros dogmas. Sem respeitar crenças, religiões, a revolução brasileira não caminhará. Um exemplo é Duarte que tem amigos entre bispos, padres e cardeais. Quando da sua chegada em fortaleza, trazido do presídio do Barro Branco, em São Paulo, escoltado por policiais, ao descer do avião, estava à sua espera, D. Aluízio Lorscheider que o abraçou solidário. Duarte disse: "D. Aluízio, eu o respeito muito, com aquele mesmo respeito que o sr. tem por mim, mesmo não tendo religião e sendo ateu". Duarte estava muito doente, os dois se abraçaram. O apoio da Igreja na dor e no sofrimento.

"O mundo é para quem nasce para o conquistar
e não para quem sonha que pode conquistá-lo,
ainda que tenha razão"
Álvaro de Campos

O PCB foi o útero que gerou todas as organizações de esquerda no país. Fundado em 1922, no ano de 1984 as bandeiras vermelhas comprovavam no comício de Tancredo Neves, que o Partido estava vivo, não morrera, apesar de atravessar madrugadas repressoras, pelo que passou, uma história de sangue pelos que tombaram na estrada, a velha bandeira clandestina novamente nas praças; foi o único partido que deu o sangue generoso de seus militantes, o sacrifício de seus membros; nas ditaduras: na de Vargas e no golpe de 1964, foi o mais sacrificado.

O Partido foi fundado por 73 membros, representado por nove homens: o alfaiate espanhol Manuel Cendon, o barbeiro sírio Abílio de Nequete, o jornalista Astrogildo Pereira, o funcionário público Cristiano Cordeiro, o eletricista Hermogêneo Silva, o gráfico João da Costa Pimenta, o alfaiate Joaquim Barbosa, o funcionário José Elias da Silva e o vassoureiro Luiz Perez.

Mesmo com poucos momentos de liberdade, desde a sua fundação, influiu decididamente em todos os movimentos do país, a partir de 1922. Fundado em 25 de Março; em 25 de Julho do mesmo ano, sua sede é invadida e todos os seus membros são presos, inclusive o secretário-geral. Decretado o Estado de Sítio e posto na ilegalidade — Artur

Bernardes, governaria, todo seu mandato, sob esse regime de exceção. A questão social, era um caso para a polícia.

As crises eram como uma Nota Promissória vencida, sempre se arrumava com manobras um novo avalista, para não ir para "o pau", ou melhor, Revolução. Sempre nos sinais de mudança, as classes dominantes se antecipavam às mudanças.

O golpe de 1937 foi dado, aproveitando os acontecimentos de 1935, o que eles chamam de "Intentona Comunista". Em 1964 aconteceu a mesma coisa, o "governo estava nas mãos dos comunistas". A realidade é que a porrada sempre caiu nas costas dos comunistas; os chefes de Polícia — Emílio Romano e Filinto Müller, se multiplicaram com o golpe de 1964. A gestapo se aperfeiçoaria, nos métodos, depois de longos anos com mais barbarismo e requintes de crueldade, os sistemas de tortura aprendidos em outros países. Só o Partido continuaria o mesmo.

Do velho Partido, PCB (Partido Comunista do Brasil) de 1922, sairiam todas as organizações: PCB (Partido Comunista Brasileiro) ou Partidão; PC do B (Partido Comunista do Brasil) reorgaizado em 1962, segundo seus membros; PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário); ALN (Aliança Libertadora Nacional) sob o comando de Carlos Marighella; MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) data da morte de Che Guevara; VPR (Vanguarda Popular Revolucionária); VAR-PALMARES (Vanguarda Revolucionária Palmares); MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes); MOLIPO (Movimento de Libertação Popular); REDE, COLINA e tantas outras organizações que ficariam na estrada. Passados vinte anos, novamente: PCB e PC do B. Os tempos eram outros, apoiavam o mesmo candidato a presidente pelo ilegítimo

Colégio Eleitoral. O sr. Tancredo Neves, pelo menos, seria uma garantia de não serem seqüestrados e assassinados pelos repressores.

* * *

1980 — Finalmente os corpos dos chacinados foram encontrados. No Cemitério Dom Bosco, em Perus, localidade perto de São Paulo. Nesse cemitério e em outros, a Repressão escondia suas vítimas, muitos com nomes trocados. Pomar e Arroyo tinham sido enterrados na quadra dos indigentes. Soube disso pelo filho de meu amigo — Carlinhos, um jovem que durante anos após a chacina encontra-se comigo, resolvendo os problemas na falta do pai. Nos dias que precederam a chacina, eu escrevera um poema sobre Pomar. Ele disse que lera numa noite e não agüentara — chorara, mas não podia demonstrar suas emoções para a mãe. O rapaz se emocionava também quando escutava uma canção de João Nogueira, na qual há um trecho que diz: " . . . eu não tenho o velho para me tirar o medo", falava-me do pai. "Ele não recriminava a gente, falava apenas: 'olha, isso não vai dar certo!' ". Depois, se nós saíamos mal, ele vinha sem recriminações "não te falei?". Tinha muito orgulho e respeito pelo pai; contou-me que uma vez ficaram juntos uns tempos no campo. O velho revolucionário levantava de madrugada, plantava, ensinava o filho a plantar, transportava os doentes numa velha Kombi, em lugares acidentados; tinha ensinado a fazer parto nas mulheres pobres do campo; contou-me que usaram até lâminas de barbear para isso.

Carlinhos aconselhou-me a não ir ao cemitério — não era prudente; a administração funerária podia ter alguma ligação com a Repressão. Mesmo assim, fui. O Cemitério Dom Bosco é imenso, seu terreno acidentado termina numa

serra. Cheguei à administração para ver se conseguia localizar Pomar e Arroyo. Já tinha caminhado entre os túmulos e nada. Fazia um sol de estourar os miolos e eu andando, olhando; somente com muita sorte iria conseguir. Pedi para o funcionário da administração ver se me ajudava a encontrar, dei um "grupo" nele, inventei que tinha vindo em um enterro ali há alguns anos mas não lembrava direito era uma pessoa amiga de minha família e eu não sabia o nome correto. Ele procurou, perguntou-me em que ano acorrera a morte. Respondi que em 1977 ou 1976, eu não podia dar "bandeira". Depois de mexe aqui, procura ali, nada.

"Talvez estivesse enterrado como indigente?". Começamos a procurar novamente. Tinha dado o nome só de Pedro. Afinal é um nome comum. Eu ficava olhando o livro de ponta cabeça. "Tem aqui Pedro Araújo!" disse o funcionário, finalmente. Mas havia um problema: ao lado do nome, tinha uma ordem que não consegui ver, alguma coisa em código. Era melhor não insistir muito. Dei o fora. Falei que voltaria em outra oportunidade.

Mesmo assim não desisti. Saí dali, caminhei, vi alguns coveiros sentados, com as pás encostadas à beira de uns túmulos, protegendo-se do sol. Perguntei onde eram as quadras dos indigentes. Informaram que eram para um lado perto da tal serra. Local ermo. Caminhei. O filho de Pomar tinha me dito que comprara duas lápides. A família de Arroyo, não se sabe porque, não deu muita atenção e, assim, Carlinhos comprara uma também para ele. Avisto ao longe as duas lápides. Olho as covas onde Pomar e Arroyo tinham sido jogados. A grama estava crescida; ao lado da lápide de Pomar nascera uma flor azul, uma pequena flor. Por um momento tive vontade de arrancá-la e levá-la comigo. Resisti. Apanhei um pouco de grama que coloquei depois dentro do livro de Neruda, onde continua até hoje, ressecada pelo tempo.

O Cemitério Dom Bosco era, agora, "O Grande Aparelho", pois nele estão, ainda, muitos "desaparecidos". Como aquela flor azul, tinham nascido no país, depois de sua morte, muitas crianças com nome Pedro, homenagem dos companheiros ao velho combatente. As lápides, singela homenagem, tinham as inscrições: PEDRO POMAR — * 23/09/1913 † 16/12/76 — Q.2.S.51, ANGELO ARROYO — * 06/11/1928 † 16/12/76 — Q.2.S.52.

Os restos mortais dos revolucionários que tiveram seu sangue gelatinado pelas balas assassinas da chacina, seguiriam para outro destino e depois para o jazigo eterno e para memória dos companheiros, amigos, para a História. Neste mesmo ano os restos mortais de Pomar seguiram para Belém do Pará. Wladimir Pomar seria expulso do Partido não só por ter divulgado documentos internos da organização mas também por alguns depoimentos que fizera e que a direção achou haver prejudicado outros companheiros. Wladimir escreveu um pequeno livreto explicando o que ocorreu mas não tenho certeza se conseguiu defender-se e argumentar. Quando perguntei sobre o ocorrido, alguns membros do Partido responderam-me: "Ele sujou o nome do pai!".

Wladimir estava com a mãe quando Catarina entregou um documento de protesto a Getulio Vargas em visita a Belém do Pará, era uma criança na época. Catarina caiu de um bonde quando cumpria a tarefa machucando-se gravemente nos últimos meses da gravidez. Esta mulher revolucionária ficara tempo sem Pomar em Belém. Quando de sua prisão os policiais colocaram suas mãos numa prensa em brasa, depois das torturas aborta as gêmeas que esperava.

Wladimir herdou do pai a voz, uma certa maneira de falar e sorrir, um jeito de professor universitário. Senti-o muito estudioso e disciplinado, um revolucionário discreto e educado. O que aconteceu com ele e o Partido, um dia saberemos.

"Conquistamos o mundo antes de levantar da cama"
Álvaro de Campos

O meu depoimento não é uma posição, nem um julgamento, não tenho condições para tal. Um partido fundado há mais de sessenta anos não chegou ao poder, não aproveitou oportunidades para o conseguir. Durante todo esse tempo, as tentativas falharam. Partidão (PCB) com uma política de zigue-zague, de resistência. As vanguardas revolucionárias dos anos setenta, resistindo à Ditadura e ao terror de Estado, emudeceram no breve tempo em que existiram. O PC do B repetira de uma certa forma o "foquismo" tão combatido? Não sei o caminho, nem sei interpretar a realidade brasileira. Acho que uma das lutas mais importantes, destes vinte anos de Ditadura, foi a Guerrilha do Araguaia.

Sobre ela, mesmo tendo sido golpeada mortalmente, alguns trechos dos que participaram:

"(. . .) A experiência guerrilheira do Araguaia, além de inscrever-se na nossa história como um dos episódios marcantes da luta do povo brasileiro, forneceu elementos para o tratamento correto da trajetória libertária dos trabalhadores e do povo contra os seus inimigos, pela conquista da libertação nacional e pela construção do socialismo". José Genoino Neto (um dos poucos sobreviventes da

Guerrilha do Araguaia) *.

"(. . .) Nestes dois anos, o Partido adquiriu certa experiência de luta armada. Ergueu bem alto a bandeira da revolução. Travou o embate mais importante do período da ditadura e um dos mais significativos destes últimos cinqüenta anos. É preciso prosseguir nesse caminho. Isto requer que o Partido reavalie seu trabalho e indique diretrizes concretas encaminhadas a fortalecer e levar à prática sua orientação revolucionária.

O Partido desenvolve sua atividade sob uma ditadura fascista e sofreu sérios golpes da reação. Não se deixou envergar. Vai adaptando seu trabalho à clandestinidade rigorosa, ao mesmo tempo que procura impulsionar o movimento de massas e tomar iniciativas políticas. A fim de colocar-se à altura da situação, o Partido precisa enfrentar uma série de tarefas imprescindíveis" **. Ângelo Arroyo no seu relatório sobre a Guerrilha do Araguaia.

"(. . .) Os gloriosos embates do Araguaia continuarão por muito tempo inspirando novas façanhas de nosso povo, admirador e defensor das causas nobres".

"(. . .) Araguaia é exemplo de ousadia, firmeza e tenacidade que alenta os democratas e patriotas. Apesar das imensas dificuldades a vencer, dos ingentes sacrifícios a suportar, é somente recorrendo

---

* Wladimir Pomar — Araguaia: O Partido e a Guerrilha, Ed. Brasil Debates, 1980, p. 312.

** Idem, Ibidem, p. 289.

às armas que os brasileiros poderão ver sua Pátria livre, soberana, unida e na senda do progresso * (Documento do PC do B — Gloriosa Jornada de Lutas — sobre o Araguaia).

* * *

Trechos de Pedro Pomar no documento "Intervenção no debate sobre o Araguaia" em *Araguaia: O Partido e a Guerrilha* (pp. 291-301):

> "(. . .) mas, se quisermos ficar à altura de nossos deveres, temos que empreender, sem maiores dilações, a avaliação crítica e autocrítica dessa luta. (. . .) Qual de fato o seu real alcance histórico? Deu os resultados que dela se esperavam"? Compensou o sacrifício dos camaradas que lá morreram, dos melhores que contávamos?"
>
> "(. . .) Representou um esforço abnegado, de sangue, para abrir caminho ao impasse que vive o país, indicando ao povo os rumos de sua luta. Entretanto, é preciso enfrentar a dura realidade. (. . .) a experiência contraria frontalmente essa orientação sobre a guerra popular."
>
> "(. . .) não devemos voltar ao passado oportunista de 'direita', de achar que as massas por si mesmas, espontaneamente, devam, um dia, pegar em armas e se defender da violência reacionária, nem adotar o princípio 'esquerdista', 'blanquista', 'foquista', de que são os comunistas que devem pegar em armas em lugar das massas."

---

* Idem, Ibidem, p. 155.

"(. . .) visto que não há outra alternativa para o povo brasileiro que terá que pagar um preço alto para aprender a lutar e conquistar a liberdade."

"(. . .) o que nos falta é saber tirar lições dos erros, realizar uma autocrítica corajosa, sem o que jamais conseguiremos transformar a derrota que sofremos na vitória tão ansiada".

"(. . .) o Partido não atrapalha, antes facilita, promove, impulsiona. organiza, sustenta, dirige todo o processo".

"(. . .) a preparação da luta armada é tarefa de todo o Partido e não apenas de alguns especialistas. (. . .) a experiência vem provar o quanto nosso aprendizado custará em sacrifícios, o quanto o nosso caminho será duro e prolongado. (. . .) tudo indica que os horizontes vão clareando para o povo brasileiro. (. . .) não importa qual seja a ferocidade do inimigo, com toda a certeza a vitória será nossa".

"(. . .) a guerrilha se iniciou como um corpo-a-corpo dos comunistas contra as tropas da ditadura militar. E assim cotinuou quase todo o tempo."

Pedro Pomar citado no livro "The Brazilian Communist Party" de Ronald Chilcote como o intelectual do Partido. Em 1973 tinha previsto "Os militares logo estarão chamando de volta figuras como Brizola e Prestes, para ajudá-los a manobrar dentro da crise que se aproxima. Aí, então, será de grande importância a atuação de revolucionários capacitados para orientar o debate e as lutas políticas, combatendo a burguesia e os oportunistas".

As palavras de Pomar ficariam: "o certo é primeiro realizar o trabalho político, procurar através de uma ação

planificada, cuidadosa, paciente, clandestina... criar a base das massas, necessária para desencadear a luta". Pomar perguntava, se realmente, honestamente desejávamos a revolução.

A Anistia Internacional (Amnesty International) de 1977 traria a chacina:

Report 1977 — Amnesty International (Folha de São Paulo 11/12/1977)

No Brasil:

"(...) O incidente mais sério o ano passado foi a prisão e morte a bala de membros do partido maoísta, o Partido Comunista do Brasil; duvidosas as mortes de Ângelo Arroyo e Pedro Ventura de Araújo Pomar, mortos a tiros quando tentavam fugir e João Batista Drumond, oficialmente dado como atropelado por um carro, ocasião em que morreu".

"Marcas no corpo, contudo, não coincidiam com essa explicação e acredita-se que tenha morrido no curso da tortura".

"No mínimo seis pessoas foram presas e duas outras, José Novaes e Jover Telles, desapareceram desde então; pouco depois do incidente as pessoas foram entregues à custódia de Sérgio Fleury, freqüentemente citado por ex-prisioneiros e advogados, como membro torturador do famigerado "Esquadrão da Morte".

"Dois advogados foram enviados ao Brasil pelo Movimento Internacional de Juristas Católicos que constataram que no mínimo um prisioneiro, Aldo Arantes. tinha sido torturado".

"Acenaram no meu coração os lenços
de todas as despedidas"
Álvaro de Campos

Abril de 1980. A família de Pomar com a ajuda do Comitê Brasileiro pela Anistia inicia o trabalho de remoção dos restos mortais do velho revolucionário, do Cemitério Dom Bosco, em Perus. Passado três anos, seus restos seriam jogados numa vala comum com os ossos e outros indigentes. Precisaram enfrentar uma burocracia sinistra do Dr. Shibata no IML, que segundo os familiares, dificultava a tramitação dos papéis. Depois de uma batalha, conseguiram o traslado do que restava do meu velho amigo.

11 de Abril de 1980. A pequena urna contendo os despojos de Pomar ficou na sede da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em São Paulo, Rua Augusta, 555 pois ele era jornalista, para as homenagens dos companheiros e amigos. De lá seguiram para o Aeroporto de Congonhas, para a viagem final a Belém do Pará, sua terra natal, às 21 horas.

Os filhos de Pomar, Wladimir e Carlos procuraram-me e convidaram-me para a viagem, seus restos mortais seriam levados para sua cidade.

Eu, que não gosto de viajar, faria uma longa viagem. Morro de medo de avião. Saí dias antes de São Paulo para chegar a tempo à cerimônia. Fui de carro, numa viagem

cheia de "aventuras" pois não conhecia os limites da cidade; fiquei impressionado com o vazio do país, saindo de São Paulo. Fomos em quatro pessoas dentro de um Fiat. Eu estava sentado atrás; os motoristas se revezavam, menos eu, que fiquei durante toda a viagem, até Belém, olhando os caminhões na estrada; fumei dois pacotes de cigarros; aproveitei a vigília para refletir, pois além de Pomar tinha perdido outros amigos, mortos pela Repressão. Era o pessoal do Partido que fazia contatos comigo para resolver problemas de finanças. Havia também o velho Lincoln Cordeiro Oest (conhecido como Lauro), que me procurara certa noite para me dar apoio moral pois eu tinha uma pessoa da família com câncer, minha esposa; a neurose atacando e a falência na porta. Lincoln conversava, falava dos netos, dos livros, de suas viagens, de sua casa; oficial do exército no passado e, durante a Repressão, barbaramente torturado e morto, metralhado num bosque em Jacarepaguá — estava também com a doença mas resistira até o fim, um herói! Outro, o Devanir José de Carvalho, que conheci com nome de Guilherme. Eu só sabia seus verdadeiros nomes quando saíam os retratos nos jornais depois de assassinados e chamados de "terroristas".

A viagem passando por Minas Gerais, Goiás e Pará. Quando passei próximo de onde se deflagrara a luta guerrilheira, olhei; o carro passava rápido, só havia a mata ao fundo — ali se mudaria o destino do país?. Os casebres às margens da estrada; nos postos de gasolina um povo cansado, gente maltrapilha, estagnada no século XVIII. Minha cabeça martelava, lembrei-me uma coisa que não tinha nada com aquilo: a companheira do alfaiate Vicente Matioli, do Partidão, que ficara paralítica em conseqüência de espancamentos aplicados por Pascoalão, do DOPS de São Paulo, na porta da fábrica Alpargatas. Uma história de "porradas", a história

do Partido, o motor da história, a luta de classes movida a sangue!!

Chegamos em Belém com um calor terrível. Eu com um buraco no estômago pela fome que passara na estrada pois transitamos por distâncias incríveis completamente desertas. Comera o que encontrara, no estreito do Maranhão — uma desgraça a tal estrada: sem sinalização, com livre trânsito de gado, bicicletas, gente andando; uma escuridão, madrugada de nervos à flor da pele. Entrei em um posto de gasolina e comi uns bolinhos que me pareciam feitos com carne de macacos, boiando num óleo cheio de moscas verdes. Cheguei em Belém depois de atravessar a zona pobre da cidade. A pobreza das palafitas, casebres. Pomar tinha deixado tudo aquilo há quarenta anos, para voltar numa urna, assassinado, chacinado, e a miséria estava ali ainda!

Eu seguia dentro do Fiat apertado, as pernas adormecidas e meu velho amigo ia de avião: era a nossa despedida. Belém de subempregos. O óleo de cozinha vendido nas feiras em latinhas de tomate. A miséria de um povo que tomara o poder na Cabanagem!

Wladimir dera-me o endereço de um jornalista, Luís Maklouf, que me daria hospedagem. Fui recebido bem por ele e por sua esposa Madelaine — eram da S.P.D.H. (Sociedade Paraense pelos Direitos Humanos) foram gentis, hospitalareiros, porém agradeci e fui para um hotel, pois eu não conhecia Luís e ainda tinha nos ouvidos as normas de segurança — (no fundo sempre fui o Ubaldo Paranóico do Henfil). Meu primo disse ao jornalista: "Nardo foi amigo de Pomar durante muitos anos", "Cala a boca, baixinho! Não sei quem é o cara!" respondi, contrariado.

Aeroporto de "Val de Cães". Madrugada. Os agentes de segurança já haviam chegado, antes do avião que traria

os restos de Pomar. Converso com a atriz Maria Della Costa que iria embarcar num outro avião e estava com um artista plástico de bengala. Aproveitei para dali ver a movimentação dos repressores. O avião chega, muita emoção, a urna desce, os estudantes correm; um jovem vem para mim e diz: "A palavra de ordem é: 'Ditadura assassina que mata e tortura'." O esquife é levado nos ombros de uma pequena multidão; cantam a canção "Para não dizer que não falei das flores" de Geraldo Vandré.

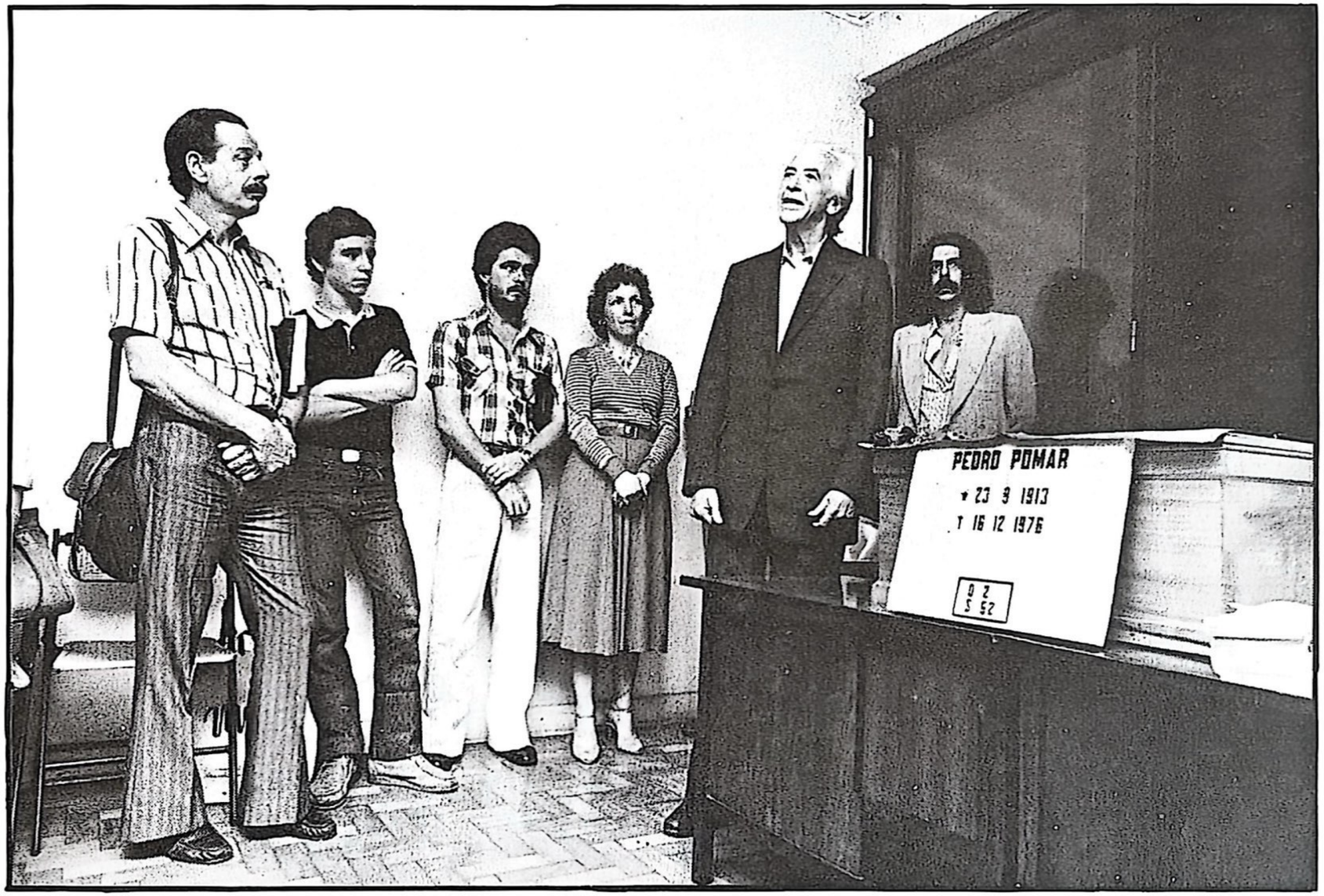
Volto ao hotel com meus nervos a estourar. Começo a vomitar suando frio e com desinteria — começa a desidratação. Era a raiva! Vômitos no banheiro; liguei o chuveiro, era vergonha o que eu estava fazendo, de ódio. Queria agredir o mundo maldito que tinha me tirado o amigo!

Os restos do velho Pomar ficaram na sede do MDB, na rua Alcino Cacela, em um velório cívico. Cortinas roxas, ao lado do pequeno esquife, coberto pela bandeira nacional, o retrato de Pomar. Uma faixa atrás com dizeres *"POMAR, TEU NOME É LIBERDADE! TERRORISTA É A DITADURA QUE MATA E TORTURA"*, era a frase que Pomar me falava na volta de Itatiba. Iria para o Cemitério Santa Isabel em Belém, no dia seguinte.

Sob a chuva que cai todos os dias em Belém o pequeno caixão foi carregado pelas ruas até o cemitério. Os agentes acompanhavam tudo à distância, dentro de peruas Veraneio. Às 16:00 horas de 12 de Abril de 1980 o velho revolucionário repousaria sob a canção de Vandré.

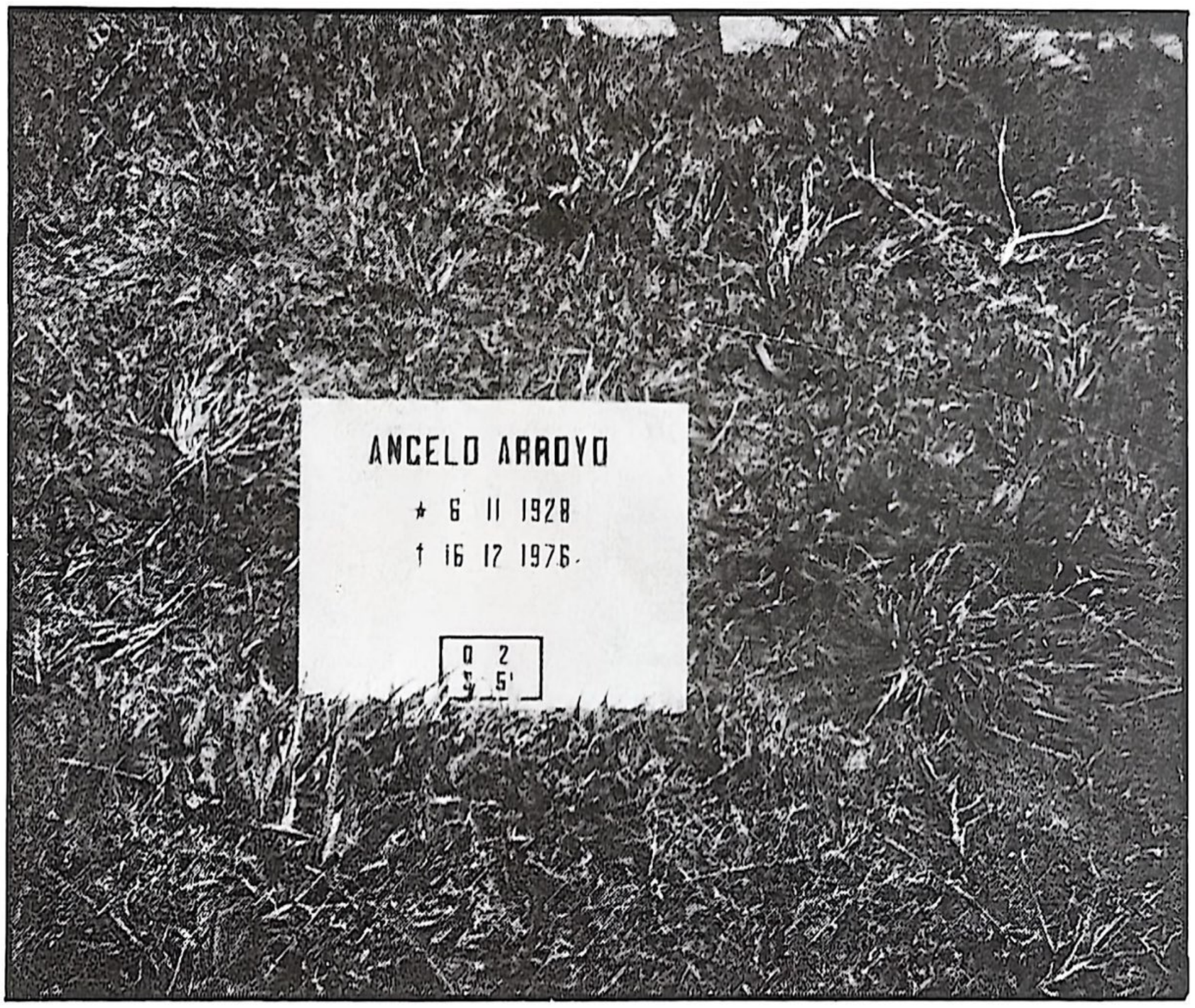
A história iria agora começar . . .

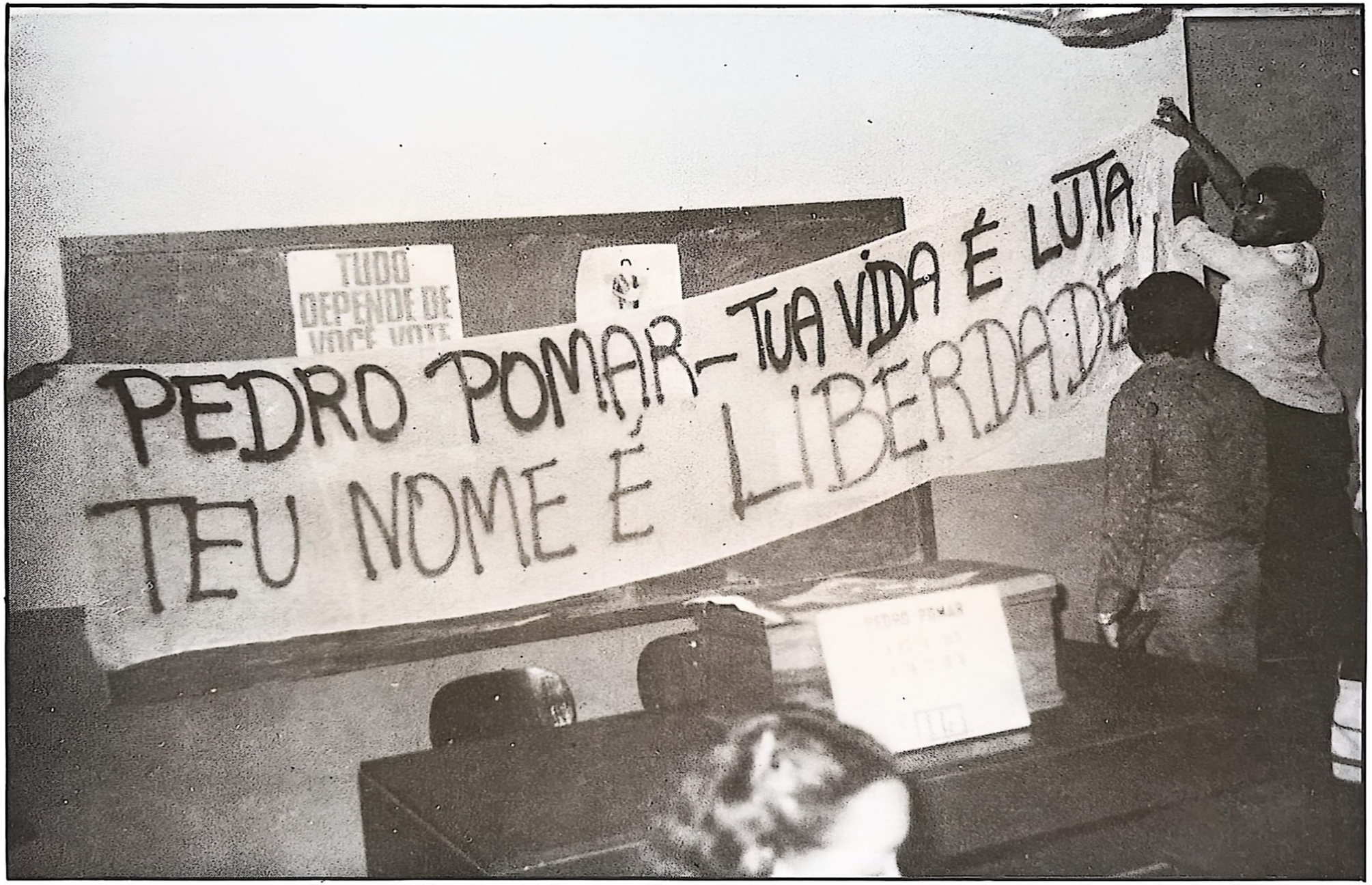
anexos



Apolonio de Carvalho , militante comunista, herói da resistência francesa na 2.ª Guerra Mundial, discursa em homenagem a Pedro Pomar.

Cemitério Dom Bosco em Perus, onde foram enterrados, pelo DOPS em 18 de dezembro de 1976, Pedro Pomar e Ângelo Arroyo que permaneceram na quadra dos indigentes durante 4 anos.





Os restos mortais de Pomar em Vigília Cívica no dia 12/04/80 na Rua Alcindo Cancela, sede do MDB em Belém do Pará, sua terra natal.

Chegada dos restos mortais de Pedro Pomar no Cemitério Santa Izabel em Belém do Pará — 12/04/80.

Credit

Outros lançamentos

— O Sonhar Libertário
Cristina Hebling Campos
Análise do movimento operário nos anos
de 1917 a 1921. A presença dos anarquistas e do sindicalismo revolucionário.

Na área de linguagem

— Política Lingüística na América Latina
Eni Pulcinelli Orlandi
Textos que abordam temas que vão da análise da influência das línguas africanas no espanhol coloquial de Cuba, à questão das línguas indígenas e do ensino de línguas estrangeiras, especialmente o espanhol, no Brasil e discussões lingüísticas importantes em países da América Latina — México, Paraguai, Uruguai e Bolívia.

Reynaldo Laforgia teve, durante muitos anos, uma relação intensa com um dos principais líderes do Partido Comunista do Brasil: Pedro Ventura de Araújo Pomar. Esta amizade foi bruscamente interrompida no dia 16 de dezembro, em 1976. Era tempo de "abertura", governo Geisel.

Através de Pomar, o autor teve toda uma visão das organizações de esquerda no Brasil. Conheceu as pessoas que compunham e que ainda compõem seus quadros. Os métodos de atuação superados, a força dos que derramam seu sangue na luta. O episódio da Lapa, assim como a vida de diversos revolucionários, a reorganização do Partido, a autocrítica na questão da Guerrilha do Araguaia fazem deste livro um importante painel da história recente do Brasil.

Trazendo fotos inéditas, **Dezembro Sangrento — A Chacina da Lapa** preenche um espaço pouco ocupado na historiografia brasileira, o de testemunhos de simpatizantes, de amigos de organizações políticas: ricos em acontecimentos históricos, ricos em emoções.

ISBN 85-7113-014-0